

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



Faculdade de Ciências Humana e da Saúde

Curso de Psicologia

Aline David de Oliveira

A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM UNIDADES DE
INTERNAÇÃO PARA JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE:

Medida socioeducativa?

São Paulo

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humana e da Saúde

Curso de Psicologia

Aline David de Oliveira

A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM UNIDADES DE
INTERNAÇÃO PARA JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE:

Medida socioeducativa?

Trabalho realizado como exigência
parcial para a graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da
Profª Drª Maria de Lourdes Bara
Zanotto

São Paulo

2015

Agradecimentos

Aos meus pais Ana e Manoel, que me incentivaram desde sempre na fascinante e cansativa busca pela compreensão do mundo, por me ajudarem na vida acadêmica e investirem em mim tanto amor, atenção e dedicação;

A minha irmã, pelos momentos de amizade, intensas risadas, lágrimas, desabaços, e por estar ao meu lado sempre;

Ao meu parceiro de vida, Leandro, por me apoiar incondicionalmente, por me ouvir nos momentos de desespero e insights durante a produção deste trabalho, pelo incentivo, amor e paciência;

A minha madrinha Inês e a minha Avó Lourdes, que sempre demonstraram orgulho e valorizaram minha trajetória, e por serem pessoas tão especiais em minha vida;

E a Dinha, pela ajuda, dedicação e carinho.

“Escolhemos o caminho errado desde o princípio quando supomos que nossa meta é ‘mudar a mente e o coração’ dos homens e mulheres, no lugar do mundo no qual eles vivem”

B. F. Skinner

Área de conhecimento: 7.07.09.05-0 - Planejamento Ambiental e Comportamento Humano

Título: A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM UNIDADES DE INTERNAÇÃO PARA JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: Medida socioeducativa?

Orientanda: Aline David de Oliveira

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Lourdes Bara Zanotto

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi realizar, tendo como base os princípios e conceitos da análise do comportamento, um exercício de interpretação das condições presentes em instituições em que jovens cumprem a medida socioeducativa de privação de liberdade e discutir as decorrências desse tipo de funcionamento para a efetividade daquela medida. O capítulo três do livro *Cadeias dominadas*, de Fabio Mallarte Moreira (2014) foi selecionado como objeto de análise por conter informações sobre o funcionamento de unidades de privação de liberdade e relatos de internos e funcionários sobre o tema. Os relatos foram organizados em seis temas: *condições de sobrevivência na instituição*, *rotinas dos internos*, *interações entre internos*, *interações entre funcionários e internos*, *relações dos internos com integrantes do comando* e *a vida após-internação*. A leitura dos relatos sob a perspectiva analítico comportamental possibilitou identificar que o ambiente das unidades de privação é coercitivo, tanto para os adolescentes quanto para os funcionários. Nos relatos selecionados constatou-se a existência de duas formas de funcionamento nas unidades: uma, denominada *cadeia dominada*, onde os adolescentes têm maior controle sobre sua rotina, há menor uso de estímulos aversivos e mais acesso a reforçadores positivos; e outra, denominada *cadeia na mão dos funça*, onde os jovens são menos ativos e autônomos, seguem rotinas rígidas impostas pela instituição e são mais frequentemente submetidos a controle coercitivo. Constatou-se que os adolescentes são capazes de seguir regras e se comportar de modo a respeitar valores como justiça, igualdade e paz, mas essas ações não decorrem de ensinamentos da instituição, e sim da relação entre os internos que seguem a filosofia do *comando*.

Palavra-chave: Medida socioeducativa, restrição de liberdade, coerção, análise do comportamento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
1.1 Alguns conceitos da análise do comportamento	07
1.2 Políticas destinadas ao jovem infrator	15
1.3 A pesquisa acadêmica sobre a medida socioeducativa	26
1.4 Objetivo de pesquisa	28
2 MÉTODO	30
2.1 Material	30
2.2 Procedimento de coleta e análise	31
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
3.1 Glossário	35
3.2 Os relatos segundo os temas	37
3.2.1 1º tema: Condições de sobrevivência na instituição	37
3.2.2 2º tema: Rotina dos internos	39
3.2.3 3º tema: Interações entre internos	41
3.2.4 4º tema: Interações entre funcionários e internos	49
3.2.5 5º tema: Relações dos internos com integrantes do <i>comando</i>	54
3.2.6 6º tema: A vida após-internação	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
5 APÊNDICE	61
5.1 APÊNDICE 1	61
5.1.1 1º tema: Condições de sobrevivência na instituição	61
5.1.2 2º tema: Rotina dos internos	62
5.1.3 3º tema: Interações entre internos	63
5.1.4 4º tema: Interações entre funcionários e internos	76
5.1.5 5º tema: Relações dos internos com integrantes do comando	85
5.1.6 6º tema: A vida após-internação	86
6 ANEXO	87

6.1 Reportagens selecionadas sobre as atuais condições em unidades socioeducativas de privação de liberdade e seus modos de funcionamento, publicadas em 2014 ou 2015	87
6.1.1 Reportagem: Funcionários em greve da Fundação Casa terão reunião de conciliação.....	87
6.1.2 Reportagem: Em carta, adolescente narra rotina de torturas na Fundação Casa.....	89
6.1.3 Reportagem: Jovem internado no Degase é morto na Ilha do Governador, no Rio	91
6.1.4 Reportagem: Funcionários em greve da Fundação Casa terão reunião de conciliação.....	92
6.1.5 Reportagem: Internos da Fundação Casa fazem reféns e deixam agentes feridos em rebelião	94
6.1.5 Fundação Casa admite não ter verba para novos equipamentos ...	95
7 REFERÊNCIA	97

Em diversos momentos de sua produção, tais como em *Walden Two* (1948) e em *Beyond freedom and dignity* (1971), Skinner apresenta a Análise do Comportamento como ciência que pode auxiliar o ser humano a melhor compreender e controlar seu meio e desta forma melhorar os comportamentos dos sujeitos nele inseridos. O autor faz a defesa do desenvolvimento de uma tecnologia comportamental que seja eficiente e argumenta que os avanços realizados até aquele momento pelas ciências não tinham sido suficientes para atender as necessidades humanas intervindo eficazmente sobre o comportamento.

Skinner defende a importância do conhecimento científico sobre o comportamento humano por considerar que os avanços em outros campos da ciência não seriam suficientes ao bem-estar do homem. Assim, embora nos campos da física e da biologia, por exemplo, tenham sido produzidos conhecimentos sobre o homem e a natureza e desenvolvidos recursos e tecnologia que podem contribuir para a melhoria da vida humana esta melhoria só ocorrerá se os homens se comportarem nesta direção. Como afirma Skinner (1971) “os melhores anticoncepcionais só controlarão o crescimento populacional se forem usados”. (p. 10).

Isto significa que é necessária uma ciência que explique o comportamento humano para que as descobertas de outras ciências não sejam subutilizadas. É de suma importância analisar os fatores em função dos quais o comportamento ocorre para que intervenções eficazes sejam planejadas, aplicadas e avaliadas, pois apenas assim é possível alterar comportamentos e/ou gerar um novo repertório comportamental.

A partir da definição de comportamento como interação entre ações do indivíduo e eventos do ambiente,¹ entende-se por controle comportamental o fato de que o comportamento do indivíduo é determinado e afetado pelas consequências que produz no ambiente. Em outras palavras, eventos do ambiente podem afetar a probabilidade do indivíduo apresentar certos repertórios comportamentais. Skinner propõe o conceito de comportamento

¹ Ambiente, para a análise do comportamento, é tudo aquilo que afeta a resposta de um indivíduo. Inclui aspectos físicos e sociais, observáveis publicamente ou não e que podem ocorrer antes e depois da resposta do indivíduo.

operante para se referir à interação entre estímulos que antecedem a resposta, a própria resposta que opera sobre o ambiente, transformando-o e produzindo consequências que podem ter como função aumentar a probabilidade de ocorrência de respostas semelhantes àquela no futuro.

Dentro da perspectiva da Análise do Comportamento, o comportamento de um indivíduo é resultado de seu histórico de interação como meio. Essa história ocorre em três níveis: o filogenético que se refere à história da espécie e corresponde à seleção de comportamentos com valor de sobrevivência e adaptação do membro da espécie ao meio; o ontogenético que se refere à história de vida de cada indivíduo e corresponde à seleção de comportamentos operantes pelas consequências produzidas na interação do indivíduo com o ambiente; e o cultural que corresponde às práticas culturais que foram selecionadas ao longo da história de um grupo social por suas consequências para o grupo. Em qualquer dos três âmbitos (filogenético ontogenético ou cultural) a história comportamental, para Skinner (1981), está baseada nos processos de variação e de seleção pelas consequências.

Assim, se o ambiente em que o sujeito se encontra é de extrema importância e influencia seu comportamento, e há muitas variáveis no dia a dia que podem afetar a probabilidade de o indivíduo emitir ou não determinada resposta, cabe questionar até que ponto o sujeito está livre para realizar suas escolhas por si mesmo. Se as ações de um indivíduo estão relacionadas às condições que seu ambiente lhe oferece, pode-se questionar o discurso bastante frequente de que cada ser humano é fruto apenas de suas escolhas, como se essas escolhas não fossem resultado de um processo de interação de vários fatores. Ignorar as variáveis ambientais pode levar a explicações que enfatizem, como fatores determinantes do comportamento, aspectos que “surgem de dentro do indivíduo”, que seriam inerentes a ele. Por exemplo propor como determinante de uma conduta o fator “força de vontade”, na perspectiva comportamental, não permite explicar adequadamente o que o indivíduo faz ou deixa de fazer, já que resta por explicar o que causa a própria força de vontade. O contexto em que aquele sujeito se encontra é esquecido, as contingências, negadas e a análise, superficial.

Bogo & Laurenti (2012), referindo-se ao posicionamento de Skinner em

relação a explicações que buscam o “homem interior” como causa do comportamento, afirmam que:

Para Skinner, explicações como as citadas acima, que aludem a causas internas, apresentam dois defeitos característicos que levam ao fracasso em lidar adequadamente com problemas culturais: o comportamento perturbado não é, de fato, descrito, e não se menciona o que pode ser feito para mudar (p. 959)

Não há, portanto, na perspectiva da Análise do Comportamento, possibilidade de ação humana livre do contexto no qual o indivíduo está inserido; ideais de liberdade plena do indivíduo como resultado de sua vontade (no sentido de ser algo vindo do próprio sujeito, e não resultado da interação deste com o meio) não representam um fenômeno real.

Para Skinner, a importância de uma ciência do comportamento está na possibilidade que esta oferece para o planejamento da cultura, pois é por meio desse planejamento que o homem pode modificar seu meio e alterar comportamentos.

Para a Análise do Comportamento existem três tipos de relações de controle do ambiente sobre as ações dos indivíduos:

- Controle por reforçamento positivo: quando a ação do indivíduo produz uma consequência (estímulo reforçador positivo) no ambiente e ocorre aumento na probabilidade de respostas semelhantes serem novamente emitidas no futuro;

- Controle por reforçamento negativo segue uma lógica semelhante, diferenciando-se apenas pelo fato de que a ação do indivíduo produz a retirada de um evento (estímulo aversivo) no ambiente; também neste caso ocorre aumento na probabilidade de respostas semelhantes serem novamente emitidas no futuro;

- Controle por punição: situação na qual uma resposta tem como consequência a retirada de um reforçador positivo para o indivíduo ou a introdução de um reforçador negativo. (SIDMAN, 2009).

O controle do comportamento por reforçamento negativo e por punição

são classificados por Sidman (2009) como controles coercitivos.

Para Skinner (1979), diferentemente do que ocorre nos processos de reforçamento positivo e negativo, o efeito sobre o comportamento de quem foi punido não é fator relevante para a definição de punição, ou seja, enquanto no reforçamento a probabilidade de emissão de determinada classe de comportamento emitida por um indivíduo tende a aumentar, na punição não há um efeito duradouro na diminuição da probabilidade de emissão da classe de resposta punida. Tal concepção também é adotada por Sidman (2009), para quem a punição não é o oposto de reforçamento, ou seja, uma resposta não tem a probabilidade de ocorrência reduzida em função de consequências punitivas que produziu.

A punição, segundo Sidman (2009), é muito usada na sociedade com base na crença de que ela altera de modo duradouro o comportamento de quem foi punido. De fato, o uso da punição pode eliminar um comportamento indesejável, mas esse efeito é temporário. Ademais a punição tem outros efeitos adversos, o que inviabiliza seu uso e gera a necessidade de outras alternativas para lidar com comportamentos indesejados.

Uma das desvantagens da punição é o fato de que ela não ensina novos repertórios; geralmente, apenas ensina ao sujeito o que não deve ser feito para não ser punido ou interromper a punição. Para melhor explicar o fenômeno Sidman (2009) recorreu a um experimento realizado em laboratório. Onde o sujeito experimental após passar por um histórico de reforçamento (ganho de alimento) ao emitir o comportamento de pressionar a barra de uma caixa experimental, começou também a receber um choque ao pressionar a barra. Assim, a resposta de pressionar a barra, que antes produzia apenas o reforço (alimento), passou a produzir também punição (choque). Os resultados mostraram que, inicialmente, o sujeito parou de emitir a resposta de pressão à barra, mas voltou a emití-la tempos depois, demonstrando que a punição não é um procedimento eficiente a longo prazo. Assim o autor explica os resultados obtidos:

As duas consequências de pressionar a barra – alimento e choque – estavam, portanto, em competição direta, uma tendendo a fazer o animal a pressionar mais frequentemente, a outra menos frequentemente. Quanto mais tempo o animal

parou, mais faminto se tornou; finalmente o reforçamento positivo por pressionar a barra tornou-se mais poderoso que a punição. O animal retornou a sua atividade "ilegal" porque aquela era a sua única maneira de obter alimento.(SIDMAN, 2009, p. 86)

Grande parte dos comportamentos emitidos por um organismo é resultado de um histórico de reforçamento. Uma resposta que está sendo punida, foi selecionada pelos estímulos reforçadores que produziu, como a resposta de pressão à barra no exemplo da pesquisa citada acima. A punição não retira o valor reforçador do reforço, ela pode ser entendida de acordo com Sidman (2009) como uma nova contingência no contexto que altera o sujeito e sua relação com o ambiente (ele para de emitir o comportamento punido momentaneamente). Entretanto, com aumento da privação o valor reforçador do reforço também aumenta, aumentando a probabilidade da emissão da resposta punida no passado.

No exemplo citado o sujeito experimental não tinha nenhum repertório que não fosse pressionar a barra para conseguir o alimento; e a punição não ensinou novas formas do indivíduo se relacionar com o meio.

Outro efeito da punição é a construção de punidores condicionados. Segundo Skinner (1979), estímulos presentes no ambiente no momento da punição, que antes seriam estímulos neutros ou com função de estímulos reforçadores positivos podem adquirir função punitiva por pareamento com o estímulo punidor incondicionado. Não só estímulos podem adquirir função punitiva, mas também a própria resposta punida passa a ter valor aversivo para o indivíduo. Segundo Sidman (2009), *“com a adição de cada novo elemento punidor em nosso ambiente, nossas vidas tornam-se menos satisfatórias, mas desesperadas”* (p.102).

Diante de uma punição um sujeito pode emitir respostas de fuga, de esquiva, de contra–controle, ou agressividade. No primeiro caso, a resposta do sujeito possibilita que ele saia do alcance do punidor e elimine o evento aversivo de seu ambiente (fuga); no segundo caso, o indivíduo, perante uma ameaça, se comporta de modo a evitar ou adiar o contato com o estímulo aversivo (esquiva); fuga e esquiva são contingências de reforçamento negativo.

Segundo Sidman (2009), repertórios construídos por reforçamento negativo podem ser empobrecidos.

Reforçamento positivo deixa-nos livres para satisfazer nossa curiosidade, para tentar opções. Reforçamento negativo inculca um repertório comportamental estreito, deixa-nos temerosos de novidades, com medo de explorar. (p. 109).

Dessa maneira, se o objetivo é ampliar um repertório, e oferecer a um indivíduo novas formas de lidar com seu ambiente o reforçamento negativo não é a melhor alternativa.

No contra controle, ou contra coerção, o indivíduo que foi punido emite uma resposta que altera o comportamento de quem o pune, de maneira que a punição ou as ameaças de punição sejam eliminadas; em outras palavras, o punido comporta-se de modo a controlar o comportamento do agente punidor. Mas as contingências coercitivas vão além, pois o punidor encontra formas de controlar e punir novamente (contra contra controle), o que resulta em um ciclo coercitivo, que tem resultados devastadores. Segundo Sidman (2009), o ciclo coercitivo leva a “uma supressão tão severa que deixa as pessoas com nada a ganhar por submeter-se e nada a perder por rebelar-se” (p. 225).

A agressão é outro efeito colateral da punição. Perante a ameaça de ou durante a privação ou punição, um indivíduo pode emitir comportamentos agressivos que não são necessariamente dirigidos ao responsável pela ameaça, punição ou privação, e sim a quem/o que estiver mais próximo do indivíduo coagido. Segundo Sidman (2009), esse fenômeno é resultado de uma história evolutiva de adaptação das espécies onde reagir agressivamente à dor ou à privação produziu vantagens adaptativas e foi um padrão selecionado filogeneticamente. Mas há, também, uma história ontogenética, já que a resposta de agressividade é consequenciada positivamente (produz reforço positivo) ou negativamente (elimina estímulo aversivo).

Os conhecimentos produzidos pela abordagem comportamental a respeito do controle coercitivo do comportamento humano levaram autores como Sidman e Skinner a questionar o conceito de liberdade como ausência de qualquer forma de controle do comportamento, e a entendê-la como ausência

de controle por meio de coerção.

Referindo-se a essa diferença, Richelle (1993, citado por BISSOLI, 2013) relata que inicialmente a concepção de liberdade para o ser humano estava relacionada com o comportar-se para se livrar de controles aversivos, com o passar dos anos liberdade não associa-se apenas a livrar-se do controle aversivo, e sim de qualquer tipo de controle. Surge então a concepção de liberdade como “característica ou condição a ser conquistada”:

Ao longo das lutas do homem para escapar e evitar o controle aversivo de seu comportamento, o termo liberdade passou a ser usado como uma referência a uma característica ou condição a ser conquistada, algo que seria possível de se obter ou possuir. Posteriormente, não só se opor e se livrar do controle aversivo tornaria o homem livre; ter liberdade passaria a ser entendido como agir na ausência de qualquer tipo de controle. (Richelle, 1993, citado por BISSOLI, 2013, p.15).

Liberdade, para o analista do comportamento, não é estar livre das contingências ou influências do ambiente sobre o comportamento de um indivíduo. Liberdade é, na realidade, a possibilidade de um indivíduo conhecer as contingências das quais seu comportamento é função e poder manipular as variáveis para que dessa forma a probabilidade de emitir ou não determinada resposta seja alterada. Isso é o que Skinner define como autocontrole.

Segundo Skinner (1979), essa concepção de liberdade rompe com uma concepção bastante difundida que considera o homem “*como um agente livre, cujo comportamento é o produto, não de condições específicas, mas de mudanças interiores espontâneas*” (p. 7). A concepção skinneriana coloca-se contra a ideia de que o homem pode se comportar na ausência de qualquer tipo de controle.

Pode-se hipotetizar que com o surgimento da concepção de liberdade como “característica ou condição a ser conquistada” inicia-se um processo de responsabilização do sujeito pela sua condição e comportamento. Segundo Holland (1978), há uma constante preocupação social em modificar comportamentos de indivíduos tais como os chamados sociopatas, os trabalhadores não motivados, os delinquentes. Nesses casos, as

contingências que favoreceram o aparecimento de comportamentos indesejados não são consideradas e as justificativas para os atos socialmente reprovados recorrem, frequentemente, a causas internas. Segundo o autor, a esse fenômeno Ryan (1971) chama de culpabilização da vítima. Assim, são atribuídas ao próprio sujeito, e não a sua relação com o meio ambiente, a origem e manutenção de seus comportamentos.

Ao adotar a concepção de que o comportamento é resultado da interação do sujeito com o mundo, tentativas de mudar o comportamento de uma pessoa sem alterar o ambiente no qual ela vive torna-se condenáveis, por sua ineficiência, pois é indispensável intervir na relação do sujeito com o meio para que as mudanças comportamentais almejadas sejam realizadas.

Segundo Bissoli (2013), para Skinner *“os seres humanos são capazes de controlar a si mesmos e agir no mundo podendo construir os ambientes que levam as consequências remotas de seus comportamentos em consideração”* (p.VIII). Uma das alternativas possíveis para tal realização é o planejamento de uma cultura que proporcione maiores possibilidades de que determinados comportamentos sejam emitidos pelos indivíduos que dela fazem parte. Por meio de tal planejamento seria possível, por exemplo, planejar contingências que alterassem comportamentos sem o uso de punição e, portanto, evitar seus graves efeitos colaterais e alcançar resultados promissores.

Segundo Skinner (1979) o homem já trocou algumas práticas punitivas por outras formas de controle:

Deuses vingativos e o fogo do inferno deram lugar a uma ênfase no céu e nas consequências positivas da vida sadia. Na agricultura e na indústria reconhece-se que os salários razoáveis são mais vantajosos que a escravidão. À palmatória sucederam os reforços naturalmente adequados ao homem educado. (SKINNER. 1979, p. 210)

Colocar em cárcere privado um indivíduo que cometeu uma infração é uma forma de punição, pois ele tem suas relações sociais restringidas, assim como o controle sobre sua própria rotina. Este indivíduo é inserido em um ambiente muitas vezes agressivo, em que estão presentes inúmeros eventos aversivos e estão dispostas contingências inadequadas para alterar seu

repertório pois, como já constatado, a punição não propicia o ensinamento de um repertório comportamental novo e mais adequado à sua sobrevivência em sociedade.

Parece que no sistema prisional espera-se que a ameaça e a experiência de ficar encarcerado seja aversiva a ponto de controlar o comportamento do indivíduo; entretanto, levando-se em consideração os subprodutos da coerção como contra controle, fuga, esquiva e agressividade, é pouco provável que essa expectativa seja alcançada.

1.2 POLÍTICAS DESTINADAS AO JOVEM INFRATOR

Hoje existe no Brasil um conjunto de ações denominadas medidas socioeducativas que são oferecidas como alternativa ao encarceramento de jovens infratores. Essas medidas socioeducativas podem ser vistas como uma política que caminha na tentativa de não punir o sujeito que comete um ato infracional, embora o jovem seja responsabilizado pela sua ação. As medidas propostas ocorrem dentro de um projeto que tem como objetivo, pelo menos em tese, de oferecer ao adolescente condições não ou menos coercitivas de aprender novos comportamentos e de se desenvolver, com vistas a favorecer sua reinserção social, respeitando seus direitos e necessidades.

Mas nem sempre foi assim. É a partir do século XIX que criança e o adolescente passam a ganhar visibilidade e são definidos como objeto de ação e intervenção pública em todo o ocidente. Uma das primeiras medidas realizadas estava relacionada a ideias higienistas com o objetivo de retirar as crianças das ruas e leva-las a instituições intituladas de “casas de correções” onde receberiam educação pela disciplina e pelo trabalho.

No ano de 1927, foi promulgado no Brasil o primeiro documento legal voltado para a criança e ao adolescente denominado Código de Menores, com a finalidade de consolidar a legislação sobre a população com idade inferior a 18 anos e regulamentar “*questões como trabalho infantil, tutela e pátrio poder, delinquência e liberdade vigiada*” (LORENZI, 2007)². A partir desse momento

² Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil-14251>

entra em vigência a *doutrina da situação irregular*, e é atribuído ao Estado a tutela sobre o órfão e as crianças abandonadas, cabendo ao juiz de menores tomar as decisões quanto ao destino dos “menores”.

Dessa forma, a política adotada em relação à criança e ao adolescente visava apenas a infância e juventude excluídas, jovens e crianças em “situação irregular” e, de acordo com o artigo 1º do código “o menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 anos de idade, será submetido pela autoridade competente às medidas de assistência e proteção contidas neste Código.” (Grafia original) Código de Menores - Decreto N. 17.943 A – de 12 de outubro de 1927.

Em 1942 foi criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), órgão do Ministério da Justiça que assistia crianças e jovens em “situação irregular” diferenciando o tipo de assistência para o adolescente autor de ato infracional e para o menor carente e abandonado.

O SAM se estruturou sob a forma de reformatórios e casas de correção para adolescentes infratores e de patronatos agrícolas e escolas de aprendizagem de ofícios urbanos para menores carentes e abandonados. (PAES, 2013) ³

Os idealizadores do SAM acreditavam que o modelo repressivo era a maneira eficiente para extinguir a criminalidade, ao mesmo tempo que adotavam uma concepção inatista em relação aos “indivíduos de má índole”. No decorrer dos anos o serviço ficou conhecido popularmente como “universidade do crime” e passou a ser muito criticado pela população e pela imprensa pois era visto como uma prisão para jovens onde a “*disciplina e o trabalho eram os meios empregados para corrigir as condutas que respondiam a defeitos morais*”. (CRUZ & HILLESHEIM, 2005, p. 45).

Em 1964 o SAM foi extinto e substituído pela Fundação Nacional de Bem Estar do Menor - FUNABEM – criado pela Lei 4.513 de 01/12/1964. Cabia a esta fundação a implantação da Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM) em todo o território nacional, para o que foram posteriormente criadas as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor – FEBEMs.

³ Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-c%C3%B3digo-de-menores-e-o-estatuto-da-crian%C3%A7a-e-do-adolescente-avan%C3%A7os-e-retrocessos>

Lorenzi (2007) assim descreve os objetivos da FUNABEM:

A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor tinha como objetivo formular e implantar a Política Nacional do Bem Estar do Menor, herdando do SAM prédio e pessoal e, com isso, toda a sua cultura organizacional. A FUNABEM propunha-se a ser a grande instituição de assistência à infância, cuja linha de ação tinha na internação, tanto dos abandonados e carentes como dos infratores, seu principal foco. (LORENZI, 2007)⁴

Segundo a perspectiva da Política do Bem-Estar do Menor, os motivos alegados para a conduta antissocial do “menor” estavam fundamentados na ideia de que estes eram “doentes” que precisavam de “tratamento”. Neste panorama caberia à FUNABEM, por meio de uma intervenção terapêutico-pedagógica e de um “tratamento biopsicossocial”, reeducar e reintegrar o “menor” na sociedade.

Em 1967, a Lei 1.534 autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM, com o objetivo de prestar assistência a menores em situação irregular com até 18 anos em nível Estadual. Esta instituição tinha como objetivo a prevenção à marginalização, reintegração social do menor e ampliação de suas possibilidades de promoção social.

As FEBEMs, como instituições corretivas, passavam a se orientar pelo dispositivo biopsicossocial de identificação, classificação e distribuição dos menores a serem atendidos, afirmando que o problema deixava de ser patológico para ser encarado como sócio psicopedagógico, ou, como queriam, interdisciplinar. Dessa maneira, se apoia (sic) na necessidade de técnicos especializados de nível superior (psicólogos, assistentes sociais, médicos, administradores, sociólogos, psiquiatras, advogados, etc.) para atender convenientemente esse contingente, visando sua integração social.

(PASSETTI, 1986)⁵

⁴ Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil-14251>

⁵ Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Segundo Spinelli (2006), a FEBEM é oriunda da FUNABEM, e esta “baseava-se no Código de Menores de 1927 (revisto em 1979), e previa a internação de crianças e adolescentes apenas para contenção da criminalidade”, sendo um ambiente altamente opressivo, ainda muito semelhante às prisões. Há relatos que evidenciam que a própria arquitetura e a infraestrutura das FEBEMs revelam seu caráter repressor. Sobre isso, Spinelli (2006) escreve:

Uma comissão da Pastoral do Menor visitou a construção de Campinas, que é um horror. Os banheiros não têm porta, como no sistema penitenciário. A descarga é do lado de fora (p. 24)

Assim como o SAM, a FEBEM foi alvo de várias críticas no decorrer dos anos de funcionamento e muitas foram as denúncias por abusos e violências para com os internos da instituição. Uma parceria entre Conselho Federal de Psicologia e Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil resultou em inspeções no ano de 2006 (15 de março de 2006) em 22 Estados brasileiros e no Distrito Federal simultaneamente. O objetivo era “*avaliar os níveis de efetivação dos direitos deferidos aos jovens nesta condição, denunciar as violações, suscitar o debate e propor ações*” (p. 8). Como resultado desse trabalho foi elaborado o relatório denominado “*Um retrato das unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei*”. (2006)

Em São Paulo foram inspecionadas unidades de internação do Complexo Tatuapé – FEBEM, que na época possuía 17 unidades de Internação. Em relação a este complexo, o relatório descreveu a existência de unidades sem cama em que apenas colchões no chão eram disponibilizados para os internos; notou-se que o espaço das celas era pequeno considerando-se o número de adolescentes; algumas celas não possuíam colchões, cobertores e lençóis. Durante a inspeção, os adolescentes da unidade 23 estavam “de tranca”, ou seja, sem acesso à parte de fora de suas celas; os adolescentes relataram a falta de acesso ao atendimento médico quando sofriam lesões por causa de espancamentos, que as trocas de roupas eram realizadas de quatro em quatro dias, e que os banhos geralmente eram

realizados na água fria (funcionários relataram que parte dos chuveiros estavam, de fato, queimados).

Em relação ao ensino regular, o relatório descreve a existência de apenas uma sala de aula funcionando, localizada no interior da unidade 14. As salas de aula eram multiseriadas e os alunos eram agrupados em três níveis: de 1ª a 4ª séries; de 5ª a 8ª séries; e de ensino médio. Segundo os adolescentes, quando estão de “tranca” não frequentam a sala de aula, informação que não condiz com a oferecida pelos supervisores da instituição. Durante a inspeção notou-se que o material escolar usado pelos alunos consistia apenas em caderno e lápis.

Na época da inspeção o diretor do Complexo relatou que as atividades relacionadas aos cursos profissionalizantes ficaram totalmente paralisadas, entre março e setembro de 2005, pois não havia convênio entre a FEBEM e instituições com cursos. Em apenas uma das três unidades visitadas foi constatada a ocorrência de atividades esportivas.

No relatório é apresentada a seguinte conclusão:

A Febem-SP é um sistema prisional, pautado pelas práticas de tortura, negligência e humilhação no trato com os adolescentes sob a responsabilidade do Estado, em completo desacordo com o instituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O ambiente é de intensa violência, que atinge os internos e funcionários, física e psicologicamente. Foi possível observar e entrar em contato com adolescentes que sofreram castigos físicos e estavam aprisionados em celas. Até o presente momento, não houve implementação efetiva de um plano socioeducativo para estes adolescentes; há a ausência de um projeto e de qualquer atividade profissionalizante em consonância com uma proposta socioeducativa; há forte tendência de culpabilizar os adolescentes pelos acontecimentos violentos ocorridos no interior das unidades; e tendência de resolver os conflitos somente na esfera da segurança. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2006, p. 25)

Em 1990, por meio da Lei Federal no 8.069 de 9 de setembro de 1990, é estabelecido o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que garante a crianças e adolescentes certos direitos, até então inexistente para esse público.

O Estatuto – harmonizado com princípios constitucionais – atua em diferentes campos temáticos. Assim, o direito à vida e à saúde; o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; o direito à convivência familiar e comunitária; o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; o direito à profissionalização e à proteção no trabalho, numa relação ainda mais ampla de preceitos, revelam a abrangência normativa pretendida, na certeza de que proteger a cidadania infanto-juvenil muito significa. Reafirmá-la é fortalecer a crença num futuro cada vez melhor para os brasileiros do amanhã. (ECA, 1990)

Embora o ECA represente uma grande evolução na direção de garantias de direitos da criança e do adolescente, seu estabelecimento legal não garantiu todos dos direitos dessa população. Segundo o ECA, por exemplo, a criança não poderia ser retirada de sua família por motivo socioeconômico; entretanto, segundo Cruz & Hillesheim (2005), *“no cotidiano, o quesito pobreza ainda determina os motivos de abrigamentos”* (p 46). Isto ocorria com os internos da FEBEM e continua a ocorrer com os adolescentes que cumprem medidas em instituições socioeducativas.

É importante salientar que o ECA não apenas trouxe a ideia de garantia de direitos da criança e do adolescente, mas também de seus deveres. Segundo o ECA (1990) após verificada a prática de ato infracional, ao adolescente deve ser aplicada uma das seguintes medidas: advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade (PSC); liberdade assistida (LA); inserção em regime de semiliberdade; e internação em estabelecimento educacional.

Segundo Spinelli (2006), em 1996 o Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (CONANDA) regulamentou a execução da medida socioeducativa prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e determinou também a redução do número de internos nas unidades (máximo de 40 adolescentes) e a regionalização das unidades. Ademais, tornou-se direito do adolescente e obrigação da instituição que os jovens tivessem acesso a *“educação, saúde, esporte e lazer, assistência social, profissionalização, cultura e segurança”* (p. 24) assim como *“atendimento jurídico continuado, tratamento médico-odontológico e orientação sócio pedagógica”* (p. 24), assim como o acesso aos serviços da comunidades por meio de atividades realizadas fora da instituição.

Face ao ECA e às denúncias, o governo de São Paulo apresentou promessas e projetos de melhorias e em 1999, o então governador Mário Covas propôs o programa “Novo Olhar”, que previa a construção de 30 unidades e a regionalização das mesmas. Referindo-se às características de algumas dessas novas unidades, Spinelli (2006) afirma:

Em 2000, foram erguidos prédios do complexo de Franco da Rocha, para 960 internos e no formato de uma penitenciária. Para se chegar às alas era necessário trancar e destrancar oito portões. Rebeliões e denúncias de maus-tratos em Franco da Rocha tornam-se comuns. (p. 27)

Esses indícios mostram que mesmo com o ECA e com a regulamentação da medida socioeducativa o atendimento ao adolescente infrator continuou seguindo modelos repressivos indicando que não houve uma reformulação de fato no tratamento dessa população, mantendo-se ainda presente um imaginário punitivo e encarcerador.

Entre 2003 e 2005, no governo de Geraldo Alckmin, investimentos na ampliação da FEBEM não modificaram seu caráter prisional. Referindo-se a esses dois momentos Spinelli (2006) relata que:

[Em 2003] é inaugurada a unidade de Vila Maria 1, com estrutura de um presídio de segurança máxima, com três muralhas separando-a da rua e agentes circulando com cães.

Em março de 2005, a construção de 41 novas unidades da Febem. Elas têm um novo nome: Centro de Apoio Socioeducativo ao Adolescente (Casa), mas recebem as já citadas críticas a seu projeto arquitetônico. (p. 27)

Em São Paulo a FEBEM, que teve origem em 1975 apenas em 2006 encerrou suas atividades. Neste período de funcionamento houve inúmeras denúncias por meio de movimentos tais como a Associação das Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco (AMAR) e o Movimento Nacional dos Direitos Humanos (MNDH); também foram várias as rebeliões realizadas pelos internos, sendo que em São Paulo:

A última rebelião dentro da FEBEM ocorreu na unidade Tatuapé, em 4 de abril deste ano [2006]. Entidades de direitos humanos que visitaram os internos dias antes da ação acreditam que os adolescentes foram motivados pelas contínuas práticas de torturas às quais estavam submetidos. Os visitantes detectaram hematomas e outras marcas de violência em 19 menores infratores. Em depoimentos, outros jovens relataram que sofreram choques elétricos. Os internos acusam os monitores do complexo e a Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo como responsáveis pelas torturas.
(<http://www.mst.org.br/jornal/262/direitos%20humanos>)

Desde dezembro de 2006, em São Paulo, a Fundação Casa é a instituição responsável por atender jovens que cumprem medidas socioeducativas. Sua origem se deu perante a reformulação da maneira de atender a população jovem que comete atos infracionais, substituindo a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM).

A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA) concede aos usuários duas das seis possíveis medidas a serem tomadas perante o ato infracional de um adolescente, sendo elas o regime de semiliberdade e a internação em estabelecimento educacional. No primeiro, o jovem pode sair da instituição para realizar atividades externas, essa medida pode ser indicada como forma de transição para o meio aberto, ou determinada no início da sentença.

No caso da medida de internação, o indivíduo não tem autorização para sair da instituição e a cada seis meses de internação, o caso do adolescente é avaliado em relação à mudança ou não da medida a ele determinada. Para a medida de internação há um período máximo de aplicação correspondente a três anos, após o qual o indivíduo é encaminhado para outra medida, em regime de semiliberdade ou de liberdade assistida. O tempo de internação não é pré-estabelecido e depende do comportamento e “evolução” do adolescente dentro da instituição.

Segundo a Fundação CASA os principais princípios que norteiam as mudanças da FEBEM para a Fundação são a garantia de direitos e a prática não violenta.

A Fundação apresenta uma proposta no texto “A *supervisão na Fundação CASA*” em que explicita que:

Estabelecer uma prática não violenta significa, portanto mais do que ausência à agressão física ao adolescente, mas, sobretudo a garantia do atendimento às suas necessidades, agregado de qualidade. Exige também boas intervenções dentro de cada especialidade, a oferta de recursos e materiais de qualidade, exige o fluxo de documentos em tempo, especialmente os relatórios ao judiciário, enfim, exige uma preocupação voltada ao adolescente, remetendo a uma equação: “A medida está para o adolescente e não o adolescente para a medida”. (CENTRO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE, 2010, p. 4)

O trecho citado mostra a preocupação que o projeto tem com o não uso da violência para com o jovem e de oferecer medidas que se adequem às necessidades que os jovens apresentam. Entretanto, Rosário (2008), em estudo realizado em uma instituição de privação de liberdade voltada a menores infratores, relata que muitas das atividades realizadas pelos jovens na instituição estudada não são escolhidas por eles, e que a agressividade e coerção estão presente na Instituição. Dentro dessa realidade, que se distingue do projeto teórico, cabe analisar quais são as prováveis classes de comportamento desses jovens (dentro e fora instituição) que estão sendo possivelmente mantidas em decorrência da dinâmica institucional.

Não apenas o uso de violência física deve ser objeto de análise, quando se trata de medidas socioeducativa para adolescentes em restrição de liberdade, mas também a tentativa de realizar uma medida socioeducativa por detrás das grades, unindo repressão e educação no mesmo projeto de intervenção. Afinal “a única coisa que se pode pretender do cárcere é que seja o menos repressivo possível e, por conseguinte, o menos dessocializador e deseducador possível” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2006, p.10).

Rosário (2008) relata que a instituição que visitou apresentava dispositivos de controle “associados a um campo da moral em que a importância é dada aos códigos” (p.68), segundo a autora a instituição utilizava-se da autoridade para garantir o controle e a disciplina, e aqueles que transgredem as normas eram punidos, o que tornava o ambiente coercitivo, e

por vezes violento. A autora afirma que a medida socioeducativa privativa de liberdade tem um papel de vigilância e controle das novas "classes perigosas".

Em uma entrevista com Spinelli (2006), Rubens Naves (presidente da Fundação Abrinq) e Ariel de Castro Alves (coordenador estadual do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH) e integrante da Comissão da Criança e do Adolescente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) citam como exemplo a ser seguido o modelo adotado no Rio Grande do Sul, criada em 2002 com o objetivo de substituir a FEBEM, a Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fase) possui unidades regionalizadas (de um total de 16, 10 estão no interior do Estado), e funcionam com um projeto pedagógico que acompanha os adolescentes desde a internação até sua saída." (p.24)

Planejar e proporcionar projetos adequados para intervir e modificar o comportamento dos jovens infratores se faz extremamente necessário. A criação a Fundação CASA foi um dos resultados dessa tentativa. No entanto, tão importante quanto a criação do projeto é verificar sua eficácia. Rosário (2008) aponta alguns aspectos da instituição que colocam em dúvida a eficácia do método da instituição. Relata, por exemplo, que os funcionários apresentavam, na relação com o adolescente, um discurso prescritivo onde o funcionário impõe a maneira "correta" de se comportar. Pode-se questionar a eficiência dessa classe de comportamento dos funcionários como medida socioeducativa de intervenção; o regime de restrição de liberdade é a mais severa das medidas aplicadas em jovens e,

Nesse sentido, entendemos que até a chegada do adolescente à internação, esse sujeito tenha passado por diversas instâncias de autoridade com discursos que indicavam o dito certo ou errado, ou seja, os códigos morais da sociedade em que vivemos. Dessa forma, acreditamos que o discurso prescritivo já tenha estado presente em toda a vida desse adolescente. Entendemos que a adoção de um discurso como esse, em uma instituição que se propõe a acolher e a educar um adolescente em conflito com a lei, possui pouca ressonância. (ROSÁRIO, 2008, p.65)

Prescrições, ordens, avisos são formas de controlar o comportamento das pessoas, genericamente denominadas "regras" pela abordagem

comportamental. Segundo Dittrich (2004), as regras “são instrumentos verbais que permitem o controle do comportamento sem exposição direta às contingências” (p. 24). Para que apresentem resultados as regras precisam ser apoiadas por contingências. Dessa forma, apenas dizer aos adolescentes o que deve ou não ser feito não levará aos resultados desejados.

Cabe analisar como o modo de intervir para modificar os comportamentos dos internos da Fundação CASA de fato possibilita essa mudança, pois na presença de estímulos aversivos/ameaças e punições, os adolescentes podem responder de acordo com o desejado pelos funcionários mantendo a ordem, mas ao voltar ao meio social (sem as ameaças/punições da instituição) podem voltar a emitir a mesma classe de respostas que os colocou em privação de liberdade.

Neste caso, o bom comportamento dentro da instituição seria apenas uma forma de evitar a punição, (reforço negativo); ou seja, ao sofrer punição (seja a própria restrição de liberdade ou outras dentro da instituição), o adolescente emitiria comportamentos que possibilitassem sua saída da instituição.

Em relação projeto pedagógico oferecido aos adolescentes segundo o relatório “*Um retrato das unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei*” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2006) a há ausência ou precariedade de projetos socioeducativos em unidades de privação de liberdade.

Em relação aos projetos de futuro, ou seja, planos de vida após o cumprimento da medida socioeducativa, constatou-se dois discursos entre os adolescentes: aqueles que relatam o desejo de permanecer adquirindo renda por meio de atos ilegais, por exemplo Zezinho, ex interno que relata que permanecerá no tráfico de drogas no estudo Mavasi (2011). E aqueles que mostram desejo de se inserir de maneira legal no mercado de trabalho, caso que pode ser encontrado no estudo de Souza & Santos (2010) quando os autores contam sobre os projetos de Lucas, ex interno que relata planos de trabalhar cortando cabelo junto ao pai.

Há ainda a preocupação entre os adolescentes de conseguir se inserir

no mercado de trabalho; tal preocupação fica evidente no estudo Mavasi (2011) quando o autor descreve a formatura do curso de Empreendedorismo e Turismo oferecido pela Fundação CASA, onde os adolescentes apresentaram uma peça teatral que contava a estória de um ex detento que enfrentava dificuldade em conseguir um emprego por ter sido internado, o reencontro com os amigos de seu bairro que “estão trabalhando para o movimento” (p. 506), o desejo do jovem de trabalhar e o fato dele ter sido preso porque estava próximo aos conhecidos que faziam uso de substâncias psicoativas ilegais, mesmo sem ter consumido. A peça teatral revela um dos medos presentes na vida do adolescente que sofre medida socioeducativa e indica como a internação afeta não apenas o repertório do adolescente, mas também sua relação com o mundo, ou seja, como o mundo “lá fora” – sociedade na qual será reinserido – responde a sua internação.

Segundo Oliveira (2006, citado por SOUZA & SANTOS, 2010), cumprir uma medida socioeducativa pode ser considerado um fator que dificulta a reinserção do jovem em alguns ambientes sociais, pois ele passa a “*carregar o rótulo de bandido, que reduz ainda mais suas possibilidades de obter emprego, acesso à educação e de conquistar a confiança necessária à estima social*” (p. 221).

1.3 A PESQUISA ACADÊMICA SOBRE A MEDIDA SOCIOEDUCATIVA

Há na literatura, muitas pesquisas que, para investigar instituições que trabalham com medida socioeducativa, os efeitos da experiência de vida nessas instituições e/ou a trajetória de vida de adolescentes que nelas estão internados, usam como método de pesquisa (não exclusivamente) a entrevista. Portanto, nota-se que boa parte das informações são coletadas por meio de relatos dos envolvidos, sejam os próprios internos sejam os profissionais que nelas atuam.

Na pesquisa de Castro e Guareshi (2008), por exemplo, os autores pesquisaram “*o modo como os adolescentes significam suas práticas de vida se subjetivam a partir dos contextos da família, da justiça e da medida socioeducativa de internação, em decorrência de ato infracional cometido*” (p. 200) por meio de entrevistas com adolescentes que praticaram algum ato considerado uma infração e que cumpriam medida de privação de liberdade.

Os autores relatam que *“uma das surpresas mas significativas do estudo foi a constatação de que a fala dos adolescentes reproduz, em grande parte, o discurso das instituições, dos juízes e dos técnicos que lidam com eles”* (p. 201) Esta constatação leva a questionar a fidedignidade de relatos como fonte de dados. Quando ocorrem em situações em que há disparidade de poder e relações coercitivas, os relatos podem reproduzir o discurso de quem detém o poder.

No trabalho de Costa, Santos, Franco & Brito (2011) sobre um projeto de canto realizado com adolescentes em privação de liberdade pode-se constatar a ação coercitiva dos agentes. Segundo os pesquisadores durante as atividades do projeto os agentes reprimiam os adolescentes em relação ao uso de gírias e ao conteúdo expresso em suas falas: *“alguns agentes socioeducativos, que tendiam a interferir na atividade nos momentos de conversa e descontração, visando a impor uma disciplina que consideravam mais adequada”* (p.848).

Para a análise do comportamento, esses profissionais poderiam estar atuando como audiência punitiva e isso precisa ser considerado na realização de pesquisa. Ao entrar em uma instituição para realizar pesquisas/entrevistas, pesquisador/entrevistador pode, muitas vezes, ser apresentado aos adolescentes por agentes da instituição. É provável que esses agentes tenham, com os adolescentes, um histórico de interação em que tenham se comportando como audiência punitiva. A presença do pesquisador/entrevistador associada ao agente pode afetar de alguma forma o relato verbal dos adolescentes.

No entanto, dada a dificuldade de acesso para observação direta das interações entre os atores que vivem e trabalham em uma das unidades responsáveis por atender jovens que cumprem medidas socioeducativas, há estudos que fazem uso de relatos verbais.

Passos (2003) destaca a dificuldade de trabalhar com relatos verbais, pois este é controlado por vários estímulos discriminativos distintos e muitos deles encontram-se no ambiente interno do falante. Há, portanto, pouco controle por parte do pesquisador em relação à fidedignidade do conteúdo expresso no relato do falante.

Em uma entrevista o principal operante verbal⁶ utilizado por quem está sendo entrevistado geralmente é o tato, pois é por meio dele que o falante pode comunicar ao ouvinte aspectos de estímulos presentes em seu ambiente interno ou externo. No tato o relato verbal é emitido sob controle de estímulos discriminativos não verbais e a resposta pode ser vocal ou motor e o reforço é generalizado.

Quando o comportamento verbal ocorre em um ambiente punitivo podem ocorrer distorções. Skinner (1957/1978) analisa alguns tipos de manipulação do comportamento verbal⁷, ao que se refere as distorções do tato há o tato distorcido que segundo Medeiros (2002) “*é uma forma de contra controle verbal ao controle aversivo e ao uso de reforçadores arbitrários*” (p. 111). Por exemplo ao relatar sobre um comportamento próprio que já foi punido anteriormente um indivíduo pode relatar algo diferente do que de fato ocorreu ao falar desse comportamento, ou seja, após um histórico de punição o indivíduo altera seu relato, e não o comportamento do qual o relato punidor fazia referência.

Mesmo perante a falta de controle do comportamento verbal é por meio dele que o acesso a conteúdos importantes, e que dificilmente seriam observados, é possível. É importante que o pesquisador ao trabalhar com o relato verbal pense nas relações funcionais na qual o relato está inserido, para que dessa maneira a análise não seja limitada.

1.4 OBJETIVO DA PESQUISA

O presente trabalho partiu de uma constatação de suma importância social: o atendimento a menores infratores (em instituições como FUNABEM e FEBEM, por exemplo) mostrou-se, ao longo da história, coercitivo e ineficaz para realizar o objetivo de reinserir jovens infratores na sociedade. Hoje, mesmo com a criação da Fundação CASA e a proposição de medidas de

⁶ Operantes verbais: Tato, mando, intraverbal, transcrição, ecoico, textual. Para mais informações sugere-se a leitura de Barros (2003).

⁷ Para mais informações sobre distorções do comportamento verbal sugere-se a leitura de Glenn (1983) e Medeiros (2002).

caráter sócio educativo, as denúncias de violências nas unidades da instituição, não cessaram o que torna bastante provável que tais medidas não estejam funcionando como deveriam. Cabe, assim, descrever, analisar e compreender o funcionamento deste tipo de instituição.

O objetivo desta pesquisa é realizar um exercício de interpretação, tendo como base os princípios teóricos da análise do comportamento, das condições presentes em instituições em que jovens cumprem a medida socioeducativa de privação de liberdade e discutir as decorrências desse tipo de funcionamento para a efetividade daquela medida. A interpretação baseou-se em relatos de internos e de funcionários de unidades da FEBEM que ali viviam no momento de transição para a Fundação CASA descritos no livro *Cadeias Dominadas*, de Fabio Mallarte Moreira (2014).

A interpretação pode ser uma proposta de pesquisa e uma das possibilidades de construção de conhecimento para a abordagem analítico comportamental. É adequada quando os dados e o controle de variáveis não são precisos o suficiente para garantir a análise e a explicação do comportamento. A interpretação está constantemente presente na produção de conhecimento e pode ser um recurso metodológico para a análise do comportamento. Segundo Micheletto (1995):

Na impossibilidade de uma análise precisa, Skinner propõe que a especulação crie métodos que levem ao aumento do grau de controle. Apenas a observação parece não ser suficiente para gerar novas alternativas, mesmo que ela seja orientada por um sistema que guie a coleta de dados, como propunha em 1938/1966. “Especulação”, “interpretação”, “idealização” ganham espaço na produção de novas alternativas, quer metodológicas quer relativas à transformação das contingências que alteram o comportamento. (p. 212).

Perante a importância de estudar o tema proposto e a ausência de dados e controle necessários para realizar uma análise das condições nas unidades de medida socioeducativa de privação de liberdade e das decorrências dessas medidas no comportamento de ex-internos, optou-se então, pela interpretação como proposta de pesquisa.

2 MÉTODO

2.1 Material

O capítulo quatro do livro *Cadeias Dominadas*, de Fabio Mallarte Moreira (2014) constitui o *corpus* da pesquisa. A obra é resultante da dissertação mestrado defendida pelo autor no Programa Antropologia Social. (Universidade de São Paulo em 2011)

A pesquisa que deu origem ao livro é um estudo etnográfico baseado na trajetória de três personagens centrais, dois deles internos da Fundação CASA, e um educador da mesma instituição que também teve um histórico de internação.

A escolha do livro se deu em função da riqueza de transcrições das falas dos personagens que, apesar de serem apresentadas como recortes, possibilitam um acesso a informações adequadas e suficientes para a análise pretendida. Além disso, o fato de o pesquisador ter trabalhado nessas instituições proporcionou a ele a inserção em campos de difícil acesso a um pesquisador externo, tais como relatos de funcionários e internos sem as preocupações ou alterações da fala.

O fato de estar no ambiente dos meninos, provavelmente, fez com que o vocabulário do pesquisador se adequasse mais ao vocabulário dos garotos e, segundo Medeiros (2002), o vocabulário tem papel importante durante um diálogo.

Ademais, a proximidade com os garotos e o posicionamento que o pesquisador adotou dentro da instituição de cumprir os combinados com os adolescentes, não fazer denúncias para a instituição, assim como auxiliar os meninos a ter acesso a câmera fotográfica (até então proibida pela instituição) pode ter reduzido a probabilidade de o pesquisador ter funcionado como uma audiência punitiva para os participantes da pesquisa.

É importante ressaltar que o estudo realizado por Moreira (2011) é etnográfico, tipo de estudo que valoriza a inserção do pesquisador no ambiente a ser pesquisado e a observação direta por um período de um ou dois anos (MATTOS, 2001). Nesse tipo de pesquisa o processo e a metodologia devem

ser selecionados pelo pesquisador de acordo com seus objetivos perante o ambiente em que ele se encontra; não há, portanto, uma regra pré-estabelecida, mas é sempre importante *"documentar, monitorar, encontrar significados da ação"* (MATTOS. 2001, p. 2).

O livro é composto de quatro capítulos. No capítulo 1, o autor informa o leitor sobre como seu trabalho foi realizado e sobre sua atuação nas unidades de privação de liberdade destinada a jovens que praticaram ato infracional. No capítulo 2, o autor apresenta informações importantes sobre o funcionamento e transformações dessas unidades no decorrer dos anos, iniciando em 1973, por meio da história de Lucas, que iniciou sua trajetória nessas unidades como interno e quando conheceu o autor atuava como funcionário. No capítulo 3 o autor apresenta aspectos do funcionamento de unidades de privação de liberdade entre os anos de 2004 a 2008, principalmente pela trajetória relatada por dois internos: Pedro e Túlio e por relatos de funcionários. O capítulo 4 traz algumas informações sobre o novo modo de funcionamento dentro das unidades de internação após as mudanças (rebeliões, abertura de novas unidades, novas ordens do comando para os internos).

2.2 Procedimento de coleta e análise

Para chegar ao material selecionado foi realizada uma busca que ocorreu em duas etapas.

Na primeira etapa buscou-se na barra de busca dos portais BVS-PSI e SCIELO, com as palavras chaves *medida socioeducativa* e *Fundação CASA*, artigos de pesquisa sobre medida socioeducativa de privação de liberdade que apresentassem relatos dos adolescentes, assim como informações sobre o funcionamento de uma instituição de medida socioeducativa.

Foram localizados oito artigos sobre o tema que continham descrições dos relatos dos adolescentes e/ou funcionários e familiares; entretanto, os relatos, na maioria dos casos, eram curtos e utilizados apenas para exemplificar alguma conclusão dos autores.

Ademais, a metodologia das pesquisas não era clara, e em alguns casos não era possível identificar mais de um relato por adolescente, as informações

sobre os jovens eram, em sua maioria, muito gerais, não falavam de um indivíduo, o que dificultaria a análise aqui proposta.

Na busca de material nos portais BVS-PSI e SCIELO não foram localizadas pesquisas da abordagem comportamental sobre medida socioeducativa ou sobre as instituições que têm, no Brasil, lidado com jovens infratores. Optou-se então por buscar na Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC) artigos que abordassem o tema das medidas brasileiras de privação de liberdade em relação a jovens infratores, com o objetivo de obter alguma informação sobre a temática na perspectiva da análise do comportamento. Foram utilizadas as palavras chaves *medida socioeducativa*, *privação de liberdade*, *FEBEM*, *Fundação CASA*, *jovem infrator*, *interno*, *ECA* e nenhum artigo sobre medidas de privação de liberdade para jovens infratores foi encontrado.

Na segunda fase realizou-se uma busca no Google por documentários, livros ou qualquer outro tipo de material que retratasse o funcionamento da Fundação CASA e contivesse relatos dos internos. Dos materiais encontrados (oito artigos, duas teses, um livro e dois documentários) selecionou-se a dissertação de mestrado de Moreira (2011), por ser o material com mais relatos, informações sobre o funcionamento da instituição e o mais atual dos materiais selecionados. Com a leitura do material descobriu-se a existência do livro (*Cadeias dominadas*) resultado da dissertação, publicado em 2014. Optou-se então pela análise do livro.

Na dissertação de mestrado publicada em 2011 o autor utiliza o nome Fábio Mallart Moreira ; e no livro *Cadeias domidadas* publicado em 2014 o autor utiliza apenas o sobrenome Fábio Mallart. Dessa maneira a referência ao livro será feita da seguinte forma: Malarte (2014), e a dissertação: Moreira (2011).

O livro foi lido na íntegra buscando identificar em quais capítulos havia relatos de indivíduos que permaneceram em instituições privativas de liberdade para jovens infratores, seja por meio de um contrato de trabalho, seja por meio da internação. O livro mostrou-se um material amplo e com muitas informações adicionais, além das transcrições de falas literais dos adolescentes.

Por isso, optou-se por selecionar o capítulo três “*As unidades dominadas como figuração social*” que contém relatos sobre a trajetória de dois personagens centrais (Pedro e Tulio) que revelam as condições presentes na instituição, seus modos de funcionamento, e as decorrências da passagem pela instituição na vida dos internos. organizar e analisar os relatos presentes

Outro aspecto importante na escolha do capítulo três foi o fato dele abordar o período transitório da FEBEM a Fundação CASA, revelando assim como a mudança dessas instituições afetaram a dinâmica de alguns dos adolescentes internados e dos funcionários.

Os trechos selecionados do capítulo três contendo relatos de internos e/ou de funcionários sobre as condições presentes na instituição e seus modos de funcionamento, foram literalmente transcritos em planilhas de Excel divididas por temas e subtemas. Seis planilhas foram construídas, cada uma delas correspondendo a um tema; no caso de temas abrangentes, foram propostos alguns subtemas para análise.

❖ 1º tema: Condições de sobrevivência na instituição

Neste tema constaram relatos que abordavam os aspectos físicos da instituição na qual os adolescentes estavam internados para cumprir o regime de restrição de liberdade, assim como relatos que revelavam aspectos (qualidade, acesso) da alimentação dos adolescentes.

❖ 2º tema: Rotinas dos internos

Relatos que revelavam as regras e a rotina da instituição ou fatos descritos/identificados como fenômenos que ocorrem com certa constância, mas não rotineiramente.

❖ 3º tema: Interações entre internos

- Hierarquias e papéis sociais: relatos que se referiam às relações hierárquicas entre os adolescentes e os papéis sociais desempenhados por internos que ocupavam tais cargos hierárquicos, assim como relatos que descreviam as formas pelas quais os adolescentes se organizavam dentro da instituição:

- Valores e seguimento de regras: relatos sobre valores presentes nas relações e nas regras estabelecidas entre os internos;

- Práticas coercitivas: relatos com referências a agressões físicas ou outras formas de controle coercitivo praticadas entre os internos;

- Práticas não coercitivas: relatos com referências ao uso de reforçadores positivos nas interações entre os internos.

- ❖ 4º tema: Interações entre funcionários e internos

- Práticas coercitivas: relatos sobre ameaças verbais e agressões físicas na relação entre internos e funcionários;

- Práticas de negociação: relatos sobre como ocorriam as negociações entre internos e funcionários das unidades.

- ❖ 5º tema: Relações dos internos com integrantes do *comando*

Relatos que abordavam a existência do contato entre internos e integrantes do comando que não estão na unidade e a maneira como as ordens/valores do comando influenciavam o comportamento dos internos dentro das unidades de privação de liberdade.

- ❖ 6º tema: A vida após-internação

Relatos com referências às decorrências da passagem pela instituição na vida dos adolescentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 68 trechos com relatos de internos e de funcionários sobre as condições presentes na instituição, seus modos de funcionamento e as decorrências da passagem de um adolescente que foi internado em uma instituição de privação de liberdade no capítulo 3: *As unidades dominadas como figuração social*, do livro *Cadeias dominadas*. A planilha com os relatos transcritos segundo os temas encontra-se no Apêndice 1.

Como nos relatos transcritos do livro *Cadeias dominadas* foi usada, especialmente pelos adolescentes, uma terminologia peculiar, desenvolvida por esses jovens nas instituições, e provavelmente desconhecida do leitor, optou-se por apresentar, antes da descrição dos resultados, um glossário com os principais termos e seu significado.

3.1 Glossário com termos presentes nos relatos selecionados:

- *Barraco*: Espécie de quarto ou cela onde os adolescentes dormiam.

- *Cadeia*: Termo utilizado pelos adolescentes para se referir à instituição de privação de liberdade (FEBEM, Fundação CASA). Com base nos relatos dos adolescentes o autor do livro apresenta basicamente três tipos de instituições de privação de liberdade reconhecidas pelos internos:

- *Cadeias dominadas*: São instituições onde os adolescentes têm papel ativo na organização e na rotina da instituição. Nessas instituições é comum que os adolescentes que ocupam cargos (ver adiante) e negociem com os funcionários.

- *Cadeia meio a meio*: Esse tipo de *cadeia* surgiu após 2008, época na qual as unidades de privação de liberdade passaram por reestruturações, e quando os adolescentes estavam sob a ordem de *bandeira branca* – fenômenos que serão explorados posteriormente.

- *Cadeias na mão dos funça*: Nessas unidades há pouca ou nenhuma negociação entre funcionários e adolescentes; as regras são impostas pela instituição.

- *Disciplinas*: O termo se refere aos internos que ocupam postos de liderança na unidade na qual estão internados; há quatro cargos diferentes: *setores*, *faxina*, *encarregados*, *pilotos/toque*.

- *Comando*: Primeiro Comando da Capital (PCC) “coletivo de criminosos que atua dentro e fora do sistema penitenciário paulista” (Moreira 2011. p.14)

- *Choquinho*: Tropa de choque da Polícia Militar. É importante esclarecer que a tropa de choque não é um tipo de vigilância interna das instituições de privação de liberdade para adolescentes que realizaram algum ato infracional, mas é solicitada e age no interior das unidades em determinados momentos, tais como rebeliões dos internos.

- *Encarregados*: internos que avaliam as atividades realizadas pelos faxinas.

- *Faxinas*: são os internos que negociam com os funcionários e são responsáveis por atender as necessidades da população; o faxina é o principal canal de comunicação entre os agentes institucionais e a *população* e atuam auxiliando o *toque*.

- *População*: Adolescentes que não ocupam cargos hierárquicos nas unidades de privação de liberdade

- *Pilotos/toque*: Responsáveis por resolver problemas que afetam mais de uma unidade em um mesmo complexo.

- *Seguro*: Recorrer à proteção dos agentes institucionais e, pelo que consta no relato de um dos internos, tal ação resulta na transferência do interno de instituição.

- *Setores*: É um dos cargos que um *disciplina* pode ocupar, há vários grupos de setores, cada um com responsabilidades e atividades específicas, tais como limpeza, ou organização de eventos esportivos.

3.2 Os relatos segundo os temas

A descrição dos resultados foi organizada de acordo com os temas propostos e ilustrada com exemplos de relatos literais feitos por internos e/ou funcionários.

3.2.1 1º tema: Condições de sobrevivência na instituição

Os relatos selecionados sobre condições de sobrevivência na instituição revelaram que não são asseguradas, aos internos, condições básicas de conforto em termos de moradia e de alimentação. Em uma das unidades institucionais citadas (Complexo de Tatuapé – Unidade *dominada*) não havia colchões para que os adolescentes pudessem dormir após uma rebelião realizada por internos no final de 2006. Em outra unidade (Vila Maria – unidade na *mão dos funça*) a distribuição de internos por quarto variava de 4 a 8 internos. Sobre condições de moradia Pedro (interno) afirma:

Não tinha colchão, não tinha nada. Pra você ter uma ideia, eu dormi uns dias no refeitório, em cima da mesa. (p. 118)

Aí o sistema lá era o seguinte: era quatro por barraco. Aliás de quatro a oito por barraco, eu fiquei na ala A, acho que era ala A, era quatro por barraco, uns quatro barraco, tranca. Você tinha uma hora de sol, quatro cigarros por dia e aula você tinha também. Só. Visita, uma hora de visita. Pra sair [do quarto], licença senhor, até licença cachorro tinha que pedir. Nada de liberdade. Você ficava ali por um prazo de trinta dias. (p. 138)

Mesmo sem a informação sobre o tamanho do quarto, pode-se supor, considerando o contexto do relato de Pedro, que ele estava se referindo a uma situação de superlotação e, portanto, a uma situação desconfortável e aversiva aos adolescentes, hipótese confirmada com o trecho do mesmo relato em que Pedro se referiu ao acesso restrito a possíveis reforçadores dentro da instituição como o acesso limitado a cigarros (quatro por dia), ao pouco tempo de acesso a um espaço aberto (uma hora de sol) e a visita (uma hora por visita).

Quanto à alimentação, Pedro relatou que o acesso a alimentos mais palatáveis – uma *regalia* - era uma possibilidade apenas a internos que ocupam algum cargo de liderança (os *disciplinas*) dentro da instituição, o que levou a supor que a maior parte dos adolescentes fica privada de acesso um

reforçador primário como alimento, especialmente um alimento diferenciado, em comparação ao que possivelmente é oferecido regularmente. Segundo o relato do adolescente,

Tinha umas regalias [os disciplinas] de comer doce, tomar danone, isso a população não podia. É...entrava o danone [iogurte] e entrava a sobremesa pra todo mundo. Aí, o que que acontecia? Nós guardava o danone da semana. (p. 131)

Esse relato indicou que havia uma quantidade insuficiente desse tipo de alimento para todos os internos, o que aumentaria o seu valor reforçador.

A possibilidade de os *disciplinas* terem acesso a danones e doces, relatada por Pedro, ocorreu em uma unidade onde a organização de cargos dos adolescentes foi possível, e portanto uma unidade *dominada*. Segundo Mallart (2014), o fato de os *disciplinas* terem acesso a essas *regalias* não é visto pelo restante do grupo (chamado pelos internos de *população*) como uma prática abusiva, “e sim, um direito adquirido por todos aqueles que são responsáveis não só pelo funcionamento da cadeia, mas, principalmente, pelas ações de todos os adolescentes que cumprem medida socioeducativa” (p.131).

Cabe mencionar que o relato de Pedro sobre a distribuição dos quartos referia-se ao início do ano de 2005, fase inicial da sua internação na Unidade de Internação 1 do Complexo de Tatuapé; dessa maneira, a descrição das instituições pelas quais passou foi posterior à publicação do ECA (1990), e, portanto, após a declaração formal dos direitos e deveres da criança e do adolescente, tornando irregular a situação das unidades por ele citadas.

Durante o ano de 2006, as inspeções realizadas por meio da parceria do Conselho Federal de Psicologia com o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil em unidades da FEBEM constataram que em São Paulo, no Complexo de Tatuapé, havia unidades com quartos superlotados, sem camas, sem lençóis nem cobertores, com banho frio e falta de acesso a espaços externos aos quartos.

A comparação entre as informações sobre as condições de sobrevivência nas FEBEMs, divulgadas em 2006 a partir das inspeções mencionadas, e as informações sobre as instituições mencionadas por Pedro,

revelaram consistência sobre a falta de condições básicas de sobrevivência oferecidas aos jovens.

3.2.1 2º tema - Rotina dos internos

Foram incluídos neste tema relatos sobre os horários e as atividades que constituem a rotina dos moradores de uma unidade para adolescentes em regime de privação de liberdade.

Nesse tema foram incluídos relatos que se referiam à rotina de uma unidade *na mão dos funça* (Complexo do Brás) e de uma unidade *dominada*. Segundo Pedro, na unidade *na mão dos funça* os horários eram rígidos, impostos pela instituição e deviam ser seguidos pelos adolescentes. Os internos deviam acordar às seis horas da manhã, escovar os dentes e tomar café; às nove horas eram chamados para as atividades (no caso de Pedro, a atividade citada por ele era fazer biscoito); depois os adolescentes eram levados à quadra, onde permaneciam até a hora do almoço (13 horas). No período da tarde havia atividades escolares; após a escola, o banho e o jantar os adolescentes eram levados para assistir televisão. Duas afirmações de Pedro ilustram o tipo de rotina dos internos:

Os dias são todos iguais, as únicas coisas que mudam são os modos de pensar e fazer as atividades [...] como rotina sempre filmes repetidos, que conhecemos de trás pra frente. (p. 106)

A rotina descrita por Pedro na instituição que estava na *mão dos funça* pareceu bem distinta de uma unidade *dominada*, pois os *disciplinas* organizavam a instituição de maneira diferente, como se pode notar no seguinte relato do autor do livro:

[...] os setores do esporte organizam os campeonatos de futebol e os torneios de dominó. Solicitam brindes aos funcionários para a premiação dos vencedores. Reúnem os internos que frequentam a escola, assim como os adolescentes que participam dos cursos culturais e profissionalizantes oferecidos por Organizações Não Governamentais. (Mallart, 2014, p.112)

A rotina rígida nas unidades *na mão dos funça* pareceu criar um ambiente em que faltavam estímulos que evocassem e reforçassem respostas novas (rotina sempre a mesma, sempre os mesmos filmes). A instituição não oferecia condições ambientais que estimulassem a variabilidade, não possibilitava ao jovem um ambiente propício para a aquisição de novos repertórios. Os únicos espaços em que o adolescente internado poderia adquirir novos repertórios seriam a escola ou as oficinas com atividades realizadas no período da manhã. No caso de Pedro, a atividade citada por ele foi a de fazer biscoito. A importância desse momento como possibilidade de fuga de sua rotina (pelo menos em pensamento) fica explicitada quando Pedro diz:

[a hora de fazer biscoito] é onde consigo distrair os meus pensamentos, que são focalizados na minha família. (p. 106)

Caberia avaliar como esses espaços poderiam, de fato, contribuir para que o adolescente alterasse o repertório que o levou a ser encaminhado para a instituição.

Como estariam aprendendo a obter reforçadores que não por meio de roubo ou tráfico de drogas? Como estariam aprendendo a conviver na sociedade na qual a medida socioeducativa se propõe a reinseri-los? A que mercado de trabalho estariam sendo preparados? Afinal, que tipo de repertório essa instituição estaria possibilitando que o adolescente desenvolvesse?

Não há, nos relatos dos adolescentes, dados que respondam a todas essas perguntas. Mas foi possível inferir que a instituição não ensinava autonomia e impunha regras e rotinas que tornavam o ambiente aversivo e, portanto, desencadeador de alguns dos importantes efeitos da coerção analisados por Sidman (2009): agressividade, comportamentos de fuga e esquiva e contra controle.

Nas *unidades dominadas* os adolescentes tinham maior controle sobre sua rotina e acesso a atividades prazerosas. A *população* tinha pouco controle sobre a organização da instituição, mas ainda assim era mais ativa do que nas instituições *na mão dos funça*; afinal, os *disciplinas* trabalhavam para atender as necessidades da *população*.

Notou-se, assim, que os *disciplinas*, por meio das regras formuladas pelo *comando* e dos valores que essas regras explicitam, adquiriam e mantinham um repertório comportamental ampliado. Esses aspectos são apresentados no tema a seguir.

3.2.3 3º tema - Interações entre internos

Este tema foi subdividido em quatro subtemas: hierarquia e papéis sociais, valores e seguimento de regras, práticas coercitivas e práticas não coercitivas.

- Hierarquia e papéis sociais

Para ocupar um cargo de liderança o interno era avaliado pelos *disciplinas*. No decorrer da internação os *disciplinas* faziam perguntas aos internos e avaliavam suas “ideias”; aqueles que manifestavam opiniões que condiziam com a expectativa dos adolescentes, ou seja, opiniões ligadas à filosofia do *comando*, podiam ser chamados quando havia necessidade de novos integrantes. Sobre essa temática Pedro relata:

Às vezes, eles [os disciplinas] destacavam um adolescente da população pra presenciar a ideia da cadeia, dar a sua opinião. Aí os caras avaliavam qual era a sua visão do certo. (p. 111)

Outro aspecto relevante na avaliação do interno era a sua *caminhada*: o motivo pelo qual estava internado e as unidades de internação pelas quais já havia passado, já que algumas unidades tinham maior *status* entre os adolescentes por serem unidades para as quais apenas reincidentes eram encaminhados.

Os *disciplinas* tinham três papéis principais: um deles é o de negociar com os funcionários para garantir que as necessidades e desejos dos internos da *população* sejam atendidas, como o desejo de *roupas do mundão* (roupas diferentes daquelas fornecidas pelas instituição). Assim, os *disciplinas*, de certa forma, trabalhavam em nome e para a *população*. Sobre essa relação Pedro relata:

Aí pegamo firme, pegamo firme não, eu peguei firme. Trouxe a roupa do mundão. Depois consegui a comida do mundão. Aí, eu e o Fabrício começamo a botar o bagulho pra andar. E tava indo legal. (p. 147)

Você tá ali na frente da cadeia pra isso, é primeiro eles, depois nós [os disciplinas]. Esse é o procedimento, é o fundamento da faxina. Se você for entrar pensando que você vai ter tudo, que você só vai ganhar e não vai contribuir, você tá muito enganado (p. 132).

Outro papel importante na função de *disciplina* era garantir a organização na instituição, seja fazendo com que os valores e as regras adotados fossem respeitados pelos internos (por meio de orientações ou das raras punições físicas), seja dirigindo as rebeliões. (O subtema valores e regras é mais bem descrito a seguir).

Um terceiro papel desempenhado pelos *disciplinas* na organização dos internos referia-se à comunicação. Esta ocorria não apenas pela troca de informações entre os *disciplinas* de uma unidade, mas entre as unidades. A Unidade 1 da Vila Maria foi batizada pelos adolescentes de *torre*, pois parte das orientações que as unidades dominadas recebiam vinham dos internos dessa instituição, internos reincidentes, e que tinham maior contato com os *irmãos do comando*.

A organização dos adolescentes em unidades *dominadas* permitia que estes tornassem o ambiente institucional aversivo (rotina inflexível, constantes punições por parte dos funcionários) em um ambiente com maior acessibilidade a reforçadores (diversidade de atividades, acesso a roupas e alimentos não fornecidos pela instituição). A hierarquia e a comunicação entre os membros possibilitavam que a micro comunidade da qual os adolescentes faziam parte sobrevivesse, favorecendo assim a sobrevivência dos membros do grupo e a transmissão de seus valores.

- Valores e seguimento de regras

Nos relatos dos adolescentes foram identificados valores tais como: bem-estar da *população*, preferência ao diálogo do que a punições físicas ou

discussões (tanto com a *população* quanto com os funcionários), igualdade, respeito, liberdade, justiça, humildade, e oportunidade, pois quando um adolescente cometia um erro que afrontava a filosofia vigente, exceto em casos considerados muito graves, os *disciplinas* tendiam a orientar o adolescente, não usando de agressão física ou solicitando que ele saísse da instituição¹. Alguns dos valores citados podem ser encontrados nos seguintes relatos de Pedro:

É o seguinte, a cadeia é o certo pelo certo, entendeu? A caminhada vai ser o seguinte, respeito pra quem respeita. Nós somos contra a opressão (p. 108)

Respeito e liberdade acima de tudo, entendeu? É respeitar o próximo pra você ser respeitado. Liberdade quando der na telha, entendeu? É fazer o negócio andar, o negócio tem que andar certo. O negócio andar certo é não deixar acontecer injustiça. Tipo...você condenar alguém por um erro que não era tão grave. (p. 133).

A organização dos internos, assim como valores expressos nas regras que eles formulavam, estavam de acordo com a filosofia do *comando* que, segundo os adolescentes, tem como base o lema “*Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade*” (p. 45). Segundo Mallarte (2014):

A existência de um conjunto de normas de conduta que orienta a experiência cotidiana dos adolescentes, intitulado de disciplina, também aponta para o deslocamento institucional. Tais prescrições, semelhantes às que operam em instituições prisionais orientadas pelas diretrizes do Comando (PCC), estipulam desde as vestimentas adequadas para um dia de visita, ou impedimentos relativos ao contato entre os adolescentes e os funcionários, até diferenciações entre os próprios jovens. (p.82-83)

O trecho acima confirmou os achados da pesquisa de Rosário (2008) realizada em uma instituição de privação de liberdade para menores de 18 anos, segundo os quais os adolescentes entrevistados seguiam regras de acordo com a filosofia do *comando*.

¹ Neste caso, o adolescente podia recorrer ao *seguro*, informando aos agentes institucionais que corria riscos na instituição e estes possibilitavam que o adolescente fosse transferido para outra unidade.

Notou-se assim que os adolescentes apresentavam o repertório de seguir regras, e, portanto, se não seguiam as regras colocadas pela sociedade e/ou as orientações fornecidas pelas medidas socioeducativas (desde advertência até privação de liberdade) o motivo não era a ausência desse repertório. O motivo talvez fosse a disfuncionalidade das regras da sociedade e da instituição para esses jovens, isto é, as regras não contemplavam os valores por eles defendidos nem consideravam suas histórias de vida, seus repertórios comportamentais e os ambientes em que viviam. No caso do seguimento das regras do *comando* pelos adolescentes foi possível inferir que o reforço positivo como consequência de respostas compatíveis com os valores do *comando* aumentava a probabilidade de os comportamentos explicitados nas regras ocorrerem.

Por exemplo, a regra social de que quem trabalha e se esforça terá dinheiro suficiente para suprir suas necessidades e gozar de prazeres não funcionava para adolescentes que entravam no mercado de trabalho muito jovens, sem experiência e capacitação. Mas numa sociedade como a nossa há alguns jovens de famílias com maior poder aquisitivo que não trabalham e têm acesso a muitos bens que outros não têm. Como conseguir o mesmo? Roubar, traficar, estudar, ganhar na mega-sena, cada indivíduo com sua história de vida particular e seu ambiente irá se comportar de uma maneira diferente, e se comportar de acordo com a regra que melhor descreve as contingências do ambiente no qual ele está inserido.

Os valores dos internos tais como igualdade, respeito, liberdade, justiça, humildade, e oportunidade, bem-estar da população eram benéficos a todos os adolescentes da instituição. O termo benéfico, segundo o dicionário Michaelis, significa o que faz bem. O termo bem, por sua vez, significa o que é bom ou conforme a moral. Ao abordar quais são os valores e bens para os moradores da instituição cabe considerar a posição skinneriana sobre bens. Dittrich e Abib (2004), na análise crítica que realizaram do sistema ético skinneriano, afirmam que bens éticos são *consequências do comportamento*. Esses autores descrevem três tipos de bens:

Bens pessoais são reforçadores positivos em relação ao comportamento da pessoa que os produz. Cabe destacar o adjetivo positivos, pois reforçadores negativos são o oposto de

bens pessoais [...] *Bens dos outros* são aqueles que, ainda que produzidos por certo indivíduo, resultam em reforçamento positivo para o comportamento de outras pessoas que não o próprio indivíduo. Também estaremos agindo eticamente, nesse caso, ao remover reforçadores negativos em relação ao comportamento de outros. *Bens das culturas* são todas as consequências de práticas culturais que contribuem para a sobrevivência da cultura que promove tais práticas. (Dittrich e Abib, 2004, p. 427)

Os internos, apesar de não serem membros do PCC, seguiam regras que explicitavam os valores desse grupo. Essas regras (anteriores) forneciam aos adolescentes, tanto individualmente como coletivamente, parâmetros sobre como se comportar e ter o acesso a diversos reforçadores positivos (primários como alimento, generalizados como dinheiro e outros reforçadores sociais como atenção e elogios) e evitar/eliminar reforçadores negativos (como agressões físicas de funcionários, por exemplo), seja dentro da instituição ou mesmo antes da internação. Isto porque havia casos em que as práticas infracionais ocorreram em um contexto social em que os valores e regras do comando são compartilhadas. Se o seguir estas regras é conseqüenciado positivamente ou negativamente (conseqüências como bem pessoal, bem para o outro e bem para a cultura), havia uma probabilidade maior de ocorrência dos comportamentos de seguir tais regras e de produção/reprodução desses valores.

Dessa maneira, os bens para a sobrevivência da microcultura que se formou dentro da instituição, com papéis hierárquicos definidos, funções claramente estabelecidas e a influência do comando, por meio de práticas não coercitivas, vêm garantindo a sobrevivência do coletivo e de suas práticas.

- Práticas coercitivas

As práticas coercitivas que ocorriam entre os adolescentes, identificadas nos relatos, são de dois tipos: agressão física e coerção por meio de comportamento verbal. As agressões físicas só eram permitidas, segundo a regra entre os adolescentes, quando um deles cometia uma falha grave, como por exemplo matar “sem a permissão dos irmãos” (p. 133).

Apesar da existência das regras não era garantido o cumprimento dessas por parte dos adolescentes. As agressões, apesar de raras, ocorriam na instituição e eram vistas pela maioria dos adolescentes como inadequadas. Quando ocorriam havia, por parte dos próprios internos, uma movimentação para que essas práticas fossem reduzidas/eliminadas.

Um relato que pode exemplificar tal fenômeno é de Pedro, no período em que os *disciplinas* da unidade na qual ele estava usavam de medidas coercitivas para lidar com a *população*:

O negócio começou a ficar feio. É, aí começou uma patifaria, uma bagunça de querer bater, até eu fui corrigido ali, me desceram a lenha ali também. Os próprios disciplinas começou a exercer o papel do Choquinho, da Tropa de Choque, entendeu? (p. 134)

Nessa época, Pedro e três companheiros tentaram fugir da instituição. O fracasso dessa tentativa resultou na transferência dos internos, por um período de 30 dias para a unidade 1 da Vila Maria, apelidada de *Parque dos Monstros* ou *Torre*.

Essa unidade era conhecida entre os adolescentes por abrigar apenas reincidentes; nela a organização hierárquica dos jovens era diferente, pois todos já tinham uma *caminhada*; ademais, esta unidade estava na *mão dos funça* o que provavelmente dificultava a organização dos internos para negociar com os funcionários. Mesmo assim os adolescentes mantinham contato com outras unidades e principalmente com membros do comando. Era da *torre* que vinham as principais ordens para as outras unidades de privação de liberdade.

Ao chegar na unidade 1 da Vila Maria Pedro foi convocado para conversar com os internos. Estes avaliariam o que seria feito com os adolescentes que se comportaram inadequadamente, em desrespeito aos valores por eles disseminados. A conversa foi selecionada como ilustrativa de coerção verbal entre os internos:

Torre: então, o bagulho é o seguinte, o bagulho se repercutiu aqui em baixo, certo. Nós vamos aí trocar uma ideia pra ver se vocês voltam pra dentro da cadeia ou se daqui mesmo já volta pro seguro.

Pedro: E dá ideia meu amigo, foi quase uma noite inteira de ideia [conversa; reunião]. Você suava, eu pensava: tô fodido. Trancado aqui sem poder sair, esses cara vai matar nós, eu não vou aguentar não. (p. 141)

Participar da organização da instituição no papel de *disciplina* exigia que o interno tomasse decisões e, caso estas fossem consideradas inadequadas, quer pela *população*, quer por outros *disciplinas* aos quais a *população* podia reclamar, ele deveria responder a outros *disciplinas*.

Portanto, assim como os adolescentes da *população*, os *disciplinas* podiam cometer erros (“falhas”) que eram consequenciados com punição e erros cuja consequência era uma orientação ao adolescente de como ele deveria agir para não errar novamente. O que definia uma ou outra consequência era a gravidade do ato em relação ao cargo ocupado: quanto maior o cargo, maior a exigência.

- Práticas não coercitivas

Foi possível constatar que os adolescentes priorizavam as práticas não coercitivas às coercitivas. Quando Pedro foi transferido para a unidade da Vila Maria (fato descrito no subtema “praticas coercitivas”), o comportamento agressivo de Pedro e dos *disciplinas* da unidade na qual Pedro estava antes da transferência foi avaliado pelos internos da *Torre*, que decidiram que o *disciplina* que estava ocupando o cargo mais alto da unidade deveria ser afastado, assim como seus principais parceiros. Já Pedro e os adolescentes que com ele foram transferidos para a *Torre* receberam orientações de reestruturar a *disciplina* da unidade da qual eles vieram, e de como deveriam prosseguir com os internos e funcionários. Pedro relata o diálogo que teve com os *disciplinas* da Vila Maria:

Os monstros [integrantes do PCC] falou pra nós que era pra trabalhar com oportunidade, que era pra evitar de mandar nego pra fora da cadeia, é pra somar, não pra dividir. Então, foi dada oportunidade, vocês vão voltar pra cadeia de vocês. Vocês vão voltar pra lá e vão tirar esse maluco [piloto da UI-29]. Pisou o pé lá tira ele, manda pro seguro, manda quem tiver do lado dele pro seguro também e vocês assume a situação. (p. 141)

A defesa de práticas não coercitivas, em substituição a práticas coercitivas, pareceu ser um valor entre os adolescentes e, portanto, um ideal que contribuiria para a sobrevivência da comunidade por eles construída dentro da instituição. O uso de reforçadores positivos, e não de estímulos aversivos, favoreceria o fortalecimento de relações amistosas e a produção de sensações prazerosas e poderia agregar novos adeptos à cultura dos internos.

O posto de *disciplina* pareceu ser valorizado entre os internos; esse dado se justificaria porque era por meio da ação dos *disciplinas* que o grupo conseguia não só o acesso a certos reforçadores, mas também a organização de um ambiente menos coercitivo já que, de maneira geral, nas *cadeias dominadas* havia menos punições que nas *cadeias na mão dos funça*.

Ainda em relação ao reforço social da *população* aos *disciplinas*, cabe mencionar o relato de Pedro sobre sua saída da instituição:

Sabe como é né professor, o bagulho é loco. No dia que eu fui embora, os cara [outros internos da unidade] me carregou no colo. Eu saí carregado nos braços de todo mundo. (p. 97)

Segundo Skinner (1971) o ser humano tem maior probabilidade de reforçar quem o reforça. No caso dos internos, supostamente havia uma tendência da *população* de reforçar os *disciplinas*, pois estes facilitavam o acesso da comunidade a diversos reforçadores que estavam indisponíveis nas unidades *na mão dos funça*.

Segundo Skinner (1971) o mérito e a admiração que um indivíduo tem pelo outro surge da aparente ausência de justificativa para explicar determinado comportamento; nas palavras deste autor: “*negamos mérito quando as causas são evidentes*” (p. 42). As funções que os *disciplinas* exerciam na instituição ganhavam destaque nos relatos dos adolescentes: ser *disciplina* significava correr riscos e se empenhar diariamente para o bem-estar da *população*. O que motivaria esses adolescentes? Quais os benefícios que se sobreporiam aos riscos? Para os demais internos (*população*), não parecia haver “causas evidentes” e, por isso, valorizavam a atuação dos *disciplinas*.

Em relação às contingências que mantinham os comportamentos de um *disciplina* considerou-se que, além do acesso a reforçadores como alimentos mais palatáveis e o reforço social de outros internos, haveria também um reforçador poderoso para este adolescente: ter um papel a cumprir no contexto da “vida no crime” ou junto ao *comando*, principalmente se antes da internação ele tivesse passado por uma história em que se envolver nesse tipo de atividades foi reforçador.

A interpretação aqui proposta pareceu cabível considerando a constatação de Rosário (2008), segundo a qual os adolescentes da instituição que ela entrevistou em sua pesquisa “glorificam o crime”, e que o envolvimento em atos infracionais pode estar relacionado com a busca de reconhecimento pela via de fazer-se exceção.

3.2.4 4º tema – Interações entre funcionários e internos

As interações entre funcionários e internos variavam de acordo com o posto/função daqueles na instituição. Por exemplo a relação entre internos e funcionários da segurança, chamados agentes, são descritas pelos adolescentes como conflituosas, já a relação com profissionais do setor pedagógico consiste mais em negociações

- Práticas de negociação

A liderança exercida pelos *disciplinas* era reconhecida e valorizada por parte dos funcionários de uma unidade de internação, em especial os educadores, e possibilitava a construção de uma relação de confiança e segurança no trabalho.

O relato do diretor da unidade ao autor do livro a respeito de uma conversa que teve com funcionários do setor pedagógico ilustra esse aspecto:

Continuamos falando sobre a sala [de aula] e percebi que a todo o momento a conversa girava em torno dos disciplinas. Lia soltou: tudo bem, mas quem me garante que esse espaço não será apropriado pela meia dúzia de sempre [se referindo às lideranças]? Continuamos a conversa e acabei perguntando para o coordenador o que ele achava da liderança exercida

pelos adolescentes. Para a minha surpresa, ouvi o seguinte: se não fosse eles, a coisa não funcionava. Para complementar tal afirmação, o coordenador forneceu-me um exemplo ilustrativo. Carlos enfatizou que certa vez iria ocorrer uma visita de uma supervisora do ensino formal e que ninguém estava frequentando a escola, o que constituía um problema sério para a direção da unidade. Foi então que a diretoria da UI- 38 chamou alguns internos para conversar [os pilotos] e no dia seguinte o problema estava totalmente resolvido, ou seja, todos os adolescentes haviam retornado à escola. (pp. 128,129)

Este tipo de relação, porém, não se estabelecia com todos funcionários, como pode ser observado no relato de uma ex-funcionária do setor pedagógico:

Olha...vou falar francamente um negócio pra você. Com a liderança era uma faca de dois gumes. Pelo seguinte, era muito mais seguro você trabalhar dentro de uma unidade com a liderança deles do que hoje sem a liderança. Porque a liderança ela se mostrava. Ela era clara e objetiva. Ela te deixava trabalhar e ela não te traía (...). Não havia traição por parte dos meninos com os educadores, com os educadores tá, e não com os funcionários [agentes de segurança]. Porque os funcionários eles odiavam e se eles pudessem fazer um churrasquinho, eles faziam (p. 123)

Havia, assim, possibilidade de ocorrência de práticas de negociação. No entanto, foi possível supor que essas práticas se mantivessem por contingências de reforçamento negativo. Assim, negociar era a forma de os funcionários interagirem com os *disciplinas* de modo a evitar serem agredidos ou ter que lidar com algo imprevisível, tal como uma rebelião, ou ainda evitar serem punidos por seus superiores pelo mal funcionamento da unidade.

Trabalhar negociando com os adolescentes era um comportamento conseqüenciado por reforçamento negativo, sob contingências em que estímulos aversivos eram evitados ou interrompidos no cotidiano dos funcionários pela emissão da resposta de negociar com os *disciplinas*. Por outro lado, trabalhar sem a liderança era trabalhar em um ambiente imprevisível e também aversivo. Em ambos os casos os funcionários estavam trabalhando sob contingências coercitivas.

A frequência à escola era uma importante “moeda de troca” entre os funcionários e os internos, segundo Pedro:

O que dá pros caras fazer, eles fazem, você colaborando, evitando de botar tanto nego pra fora [da cadeia], não ofendendo muito funcionário...escola é 90% ali dentro. Se você quiser conquistar alguma coisa a mais, a escola é essencial. Os caras quer escola. O que o cara [diretor] puder fazer, até meio encoberto, o cara faz. (p. 131)

Tornar o estudar um comportamento prazeroso é um aspecto importante para o processo de aprendizagem, de acordo com a abordagem comportamental. Para isso, é necessário planejar contingências não aversivas e realizar procedimentos de ensino em que o estudante se comporte ativamente e suas respostas produzam consequências reforçadoras positivas e, tanto quanto possível, naturais. Negociar reforçadores com os funcionários em troca da frequência à escola poderia ser interpretado como uma maneira de consequenciar positivamente o estudar; entretanto, a consequência positiva estaria temporalmente muito distante do comportamento a ser reforçado, principalmente para os jovens da *população*, que provavelmente nem tinham conhecimento da negociação realizada. Dessa maneira, negociar com adolescentes solicitando frequência à escola fortaleceria o comportamento de negociação, e não o de estudar.

- Práticas coercitivas

Em relação as práticas coercitivas entre os agentes (funcionários da segurança) e internos nas unidades *dominadas* selecionou-se um fato descrito por Mallart (2014) durante uma sessão de fotos do curso de fotografia que o autor ministrava aos internos

O interno escolhe o fundo em que será retratado, um grafite estampado em uma das paredes, com o desenho de uma favela. No local, sentados em um banco, há três agentes de segurança. De fato, há espaço suficiente para que a imagem seja feita, ou seja, não há necessidade que os funcionários deixem os seus respectivos lugares, mesmo porque estão na frente de uma pequena parte do grafite. No entanto, o piloto se aproxima e diz: dá licença aí senhor. Os três funcionários, apesar de demonstrarem certo descontentamento, se levantam. Um dos agentes de segurança, que veste uma camiseta com a palavra AGENTE estampada em suas costas, parecida com algumas roupas que são utilizadas pela polícia civil, diz alguma coisa. Não consigo ouvir o que é dito pelo funcionário. Contudo, o piloto para quem foi dirigida a fala, se

manifesta: tá louco, pra que que eu vou querer uma foto com o senhor? O jovem que está atrás da câmera se posiciona para tirar a imagem. No entanto, antes de Robson apertar o botão, um interno passa em frente à lente da máquina fotográfica. Trata-se de um faxina do esporte. O faxineiro volta-se para os adolescentes que acompanham a sessão fotográfica e diz: bate uma foto desse funça aqui [se referindo ao mesmo agente de segurança] que eu vou pegar ele quando eu sair daqui. O funcionário, ao ouvir tal ameaça, caminha em minha direção e, em baixo tom de voz, responde: isso se eu não pegar ele antes (p. 125, 126)

As relações conflituosas entre agentes e internos tornaram o clima na unidade cada vez mais hostil o que, somado a falta de recursos da unidade para o bem-estar dessa população, aumentava a probabilidade de os adolescentes emitirem comportamentos para modificar esse ambiente aversivo, quer por meio de negociações, quer por tentativas de fugas ou rebeliões.

Tais comportamentos foram considerados como uma forma de contra controle dos adolescentes em relação à situação de privação e coerção a que eram submetidos nas instituições. No relato de Pedro nota-se como o recrudescimento da relação coercitiva interno-funcionário influenciou a ocorrência de uma rebelião:

Foi quando tudo começou, quando oprimiram a UI-7 lá em cima, né? Foi isso que deu origem à mega rebelião, tão famosa que teve trator e o caramba a quatro. (p. 116)

A instituição, por sua vez, usava recursos para cessar a rebelião. Instalava-se o ciclo descrito por Sidman onde o punido se comportava de maneira a contra controlar o punidor, e este por sua vez se comportava para controlar o outro novamente, fenômeno que o autor denominou contra contra controle. Geralmente, este movimento de contra contra controle era realizado por meio da atuação coercitiva do choquinho. O relato de Pedro ilustra essa situação:

[Polical] Não era você que tava lá negociando? [Pedro]: não era eu não. [Policial]: era você sim.

Daí, ele chegou e pá, já me deu uma escudada na cara, aí pronto fodeu. Só sobra pra mim, só eu que apanho nessa porra. Me deram um sacode ali rapidinho e me levaram lá pra cima na formação [após o término do motim, os internos são obrigados a sentar em filas, com a cabeça apontada para o

chão, procedimento conhecido como formação]. Aí, começou o esculacho e o negócio começou a pegar pro meu lado. Chegou lá na formação e aí chegou os caras: cadê o Pedro? E eu abaixado assim.

Cadê o Pedro? E eu quieto, sabia que eu ia apanhar. O cara falou: levanta a cabeça todo mundo. Levantamos. Ele falou: Pedro vem cá. Beleza, eu fui. Me levaram lá na churrasqueira. Ele falou: ajoelha aí Pedro. Ajoelhei. O cara da SAP [Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo] pegou, tava de toca, mas eu sei quem é. Pegou a 12, engatilhou e falou: abre a boca, vou te matar, vou te matar mano. Chegou um outro, deu coronhada na minha cabeça, na cara e falou: vamos dar uns tiros nele. Dando bicuda [chutes] e tal. (p. 96)

Em unidades *na mão dos funça* a coerção estava mais presente na rotina dos adolescentes do que nas unidades *dominadas*; a coerção era intensificada quando ocorriam rebeliões e nas relações com internos que ocupavam cargos de liderança. O relato de um dos *disciplinas* sobre sua transferência para uma dessas unidades exemplifica o conflito nas relações entre disciplinas e funcionários:

Chegando lá, na 1 da Vila Maria, tava tudo tomado véio, tudo tomado pelos funça. Aí o chicote estralou lá mesmo, era a SAP [integrantes da Secretaria de Administração Penitenciária] que tava lá. Chegamo lá já no coro. Quem levou nós foi o Choquinho. Isso em 2005 ainda. O Choquinho passou toda a nossa fita pros caras [os agentes de segurança da UI-1]. Eles falou: ah, vocês é liderança? Então vamos conversar aqui com...aí o chicote estralou. Bateram com a mão, cassetete, bicuda, com aqueles coturno, ixi...o chicote estralou (p. 138)

Ao assumir o cargo de *disciplina* o adolescente corria o risco de sofrer mais punições por parte da instituição do que um adolescente da *população*. O *disciplina* era conhecido pelos funcionários e quando havia alguma ação de repressão (por exemplo: a entrada da *Tropa de Choque* quando há rebeliões), esses adolescentes corriam um risco maior de sofrerem medidas punitivas pelo papel de liderança que exerciam.

3.2.5 5º tema: Relações dos internos com integrantes do *comando*

Nos relatos dos adolescentes notou-se que as ordens emitidas por integrantes do comando eram fatores relevantes para compreender o comportamento dos adolescentes, fato que pode ser verificado no relato de um dos *faxinas* de uma unidade *dominada*:

Bom, a ordem que desceu era pra estourar e ir embora. A base era estourar, se der pra ir pro mundão, é mundão. Se não der, bate de frente com os caras [os funcionários], mas representa. A ordem era representar. Falamos pra população: o bagulho vai pegar. Deu umas 10 horas da manhã, nós falou: é agora (p. 94)

Após a ordem, de fato houve a rebelião na unidade, que foi reprimida pela tropa do choque e muitos adolescentes foram feridos. Mesmo assim houve outras rebeliões, ou seja, a punição exercida pela tropa de choque não evitou rebeliões futuras, provavelmente comandadas pelos *monstros*.

Os adolescentes seguiam a doutrina e as ordens do comando mesmo sem fazerem diretamente parte do grupo, segundo um dos *faxinas*:

Nóis é a sintonia dos caras. Eu sou sintonia dos caras. Corro com os caras [do Comando, isto é, sigo as suas orientações], mas tô do lado de fora, de fora [não sou batizado; não sou irmão], mas seguindo a doutrina de dentro (p. 176).

Parecia haver certo orgulho em seguir tal filosofia. Mesmo não sendo um membro do grupo os internos, *disciplinas* ou *população*, eram socialmente reforçados por seguir tais regras. Pode-se hipotetizar que alguns adolescentes eram socialmente reforçados diretamente por membros do comando e tinham seu repertório comportamental modelado de acordo com regras, contingências e valores (consequências) de tal organização; esses adolescentes, por sua vez, exerciam o mesmo papel com internos de cargos menores, formando uma cadeia de relações em que comportamentos compatíveis com as regras formuladas pelo comando e que produzissem/reproduzissem valores por ele defendido eram reforçados. Isto talvez possa ser explicado pelo fato de esta ser a única fonte consistente de reforçamento positivo para esses adolescentes.

3.2.6 6º tema: A vida após-internação

O objetivo da FEBEM, assim como o da Fundação CASA é de instrumentalizar o adolescente que passou pela medida de privação de liberdade para que consiga se inserir na sociedade de maneira mais adaptativa em relação às leis e normas da comunidade social na qual o adolescente vive. Pode-se supor que a adaptação bem-sucedida a um ambiente resulta não apenas na sobrevivência, mas em certa qualidade de vida, ou seja, acesso a vários reforçadores positivos e poucos/nenhum estímulos aversivos.

O relato de Pedro, um dos internos que o autor entrevistou após o término da medida socioeducativa, parece revelar que a adaptação fora dos muros institucionais não possibilitava o acesso a alguns reforçadores que estavam disponíveis na instituição, na sua relação com os adolescentes enquanto desempenhava o papel de *disciplina*:

Aqui fora eu era só mais um, lá dentro eu tocava [conduzia] uma cadeia. Você sai aqui no mundão e parece que você sai inútil, não tem aquela ação, você não vive aquela adrenalina, dá vontade de voltar. (p. 97)

Parece que a sociedade de maneira geral proporciona ao adolescente poucas chances de emitir comportamentos e produzir consequências positivamente reforçadoras. Pedro é apenas um dos milhares de internos que passaram pela medida socioeducativa, e que aprendeu como sobreviver dentro da instituição: por meio dos valores e regras do *comando*, aprendeu a construir relações interpessoais amistosas com seus pares, quais regras seguir, que valores defender para sobreviver como indivíduo e como grupo, como obter reforçadores positivos, como evitar estímulos aversivos. Tais aprendizagens só foram possíveis pelo confronto e embate cotidiano dos adolescentes com as condições precárias oferecidas nas unidades, e não a partir de um ambiente adequado oferecido pela instituição. Pedro aprendeu esse repertório a partir das contingências estabelecidas por seus pares, pela estrutura paralela que, para sobreviver, os jovens construíram em algumas unidades de privação de liberdade. Os poucos relatos sobre este tema confirmaram que a própria instituição não planejava de forma adequada e cuidadosa maneiras de ampliar

o repertório dos internos para possibilitar que eles não reincidissem em atos infracionais quando dela saíssem.

Caberia, então, questionar em que medida a dinâmica da instituição difere do *mundão*?

Quais das aprendizagens que as instituições de privação de liberdade possibilitaram a Pedro se manteriam nas contingências sob as quais ele foi viver quando deixou a FEBEM ou a CASA? E quais dos comportamentos aprendidos serão úteis para que Pedro possa lidar com o ambiente do qual foi privado durante anos sem ter que recorrer apenas ao repertório de comportamentos que a medida socioeducativa se propôs mudar? Talvez nenhum; ou nada além de alguns comportamentos aprendidos na escola e manusear biscoit.

Em uma sociedade onde há grande valorização do consumo de bens, e que apresenta poucas oportunidades de trabalho e ensino de qualidade assim como baixo acesso ao lazer, o adolescente, para conseguir os reforçadores positivos de que necessita e que deseja provavelmente acaba por recorrer ao repertório que têm: “a vida do crime”. Afinal, o ambiente social em que este repertório foi instalado e fortalecido não sofreu alterações, assim como seu repertório para lidar de maneira diferente com este ambiente.

Caberia, assim, retomar aqui a afirmação de Sidman (2009) sobre as razões da criminalidade recorrente. Segundo esse autor, quando eventos punidores e reforçadores positivos podem ser produzidos pelas mesmas respostas estes últimos acabam prevalecendo. Isso ocorre porque o indivíduo não tem outro repertório para ser reforçado da mesma maneira. Assim “não deveria ser surpreendente que os *choques* que a sociedade dá em seus delinquentes não punam eficientemente” (SIDMAN, 2009).

Mais preocupante ainda, no caso de alguns dos jovens que cumprem medida sócio educativa de internação, é que aprenderam a produzir reforçadores sociais positivos poderosos dentro da instituição, os quais concorrendo com a coerção levariam Pedro a afirmar que “*dá vontade de voltar*”!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responsabilizar o sujeito por um ato infracional é diferente de culpá-lo por isso. A ação de um indivíduo é resultado de sua história e do ambiente no qual ele se encontra. Para a abordagem comportamental, não se explica comportamento por meio de justificativas internalistas tais como força de vontade, bondade ou boa índole, como se estas características fossem uma condição inata do indivíduo e que explicassem seu comportamento e não uma construção resultado de sua interação com o mundo.

Quando se culpa alguém, pouco se olha para a história que levou essa pessoa a cometer seu erro; dessa maneira, pouco é feito para que esta mude seu repertório. Por outro lado, ao responsabilizar alguém por seus atos, entende-se que o indivíduo teve papel ativo no erro cometido, mas que há espaço para se pensar nos motivos desse erro e, portanto, possibilidade de pensar em formas de atuar junto a ele de modo a que não erre novamente.

As unidades de privação de liberdade, assim como as medidas socioeducativas, têm a proposta de instrumentalizar os adolescentes que cometeram infrações, evitar que estas voltem a ocorrer e reinseri-lo na sociedade.

Os trechos dos relatos selecionados do livro *Cadeias dominadas* possibilitou o exercício de interpretação, fundamentada em conceitos da análise do comportamento, das condições e funcionamento de unidades de privação de liberdade destinada a jovens menores de 18 anos que praticaram infrações.

Constatou-se, por meio dos relatos, que a infraestrutura das unidades não é adequada para abrigar os adolescentes, assim como a alimentação disponibilizada aos internos.

A rotina dos internos em unidades na *mão dos funça* mostrou-se maçante, rígida e sem atividades adequadas para estimular a autonomia dos adolescentes. As relações entre funcionários/agentes e internos mostrou-se mais hostil nessas unidades. Já a rotina dos internos em unidades *dominadas*

era menos coercitiva, haviam mais negociações entre internos e funcionários e maior acesso a reforçadores e atividades.

Notou-se que é na relação com outros internos que os adolescentes encontram maior possibilidade de reforçar e de serem reforçados, tais como conseguir benefícios para a *população* e ser valorizado por isso, ter certas *regalias* por atuar em nome da população, respeitar regras e agir de acordos com os valores do *comando* resulta em reforço social.

Os valores do *comando* são um aspecto importante na interação dos adolescentes e na adaptação destes às unidades de internação e na sobrevivência da micro comunidade que se formou, onde há hierarquias a serem respeitadas.

Constatou-se que pouco a instituição ofereceu aos adolescentes para aquisição de novas habilidades. No relato dos adolescentes apenas a escola e cursos de biscoito e de fotografia foram mencionados. Já em relação à aprendizagem com outros internos parece que houve ampliação do repertório social (a aquisição de habilidades para atuar como disciplina, compreensão dos valores do *comando*).

No final de 2006os adolescentes receberam no um comunicado do *comando* nomeado de *bandeira branca*, segundo Tulio, um dos internos:

Em 2006 teve os atentados [ataques do PCC]. Em 2007, final de 2006, veio o salve geral da paz, a bandeira branca, que ainda tá de pé. A paz, a bandeira branca, o salve da paz, foi comunicado a todo mundo. (p. 176).

Essa mudança provocaria alterações significativas no que concerne na atuação dos *disciplinas* com outros internos: as agressões físicas, apesar de serem utilizadas apenas em alguns casos, foram proibidas; e com a instituição: proibição de rebeliões.

Segundo Mallart (2014) houve, no final de 2006, redução significativa no número de rebeliões realizadas pelos internos. O autor identifica duas justificativas distintas que circulam dentro das instituições para justificar esse fenômeno: para os funcionários a mudança seria resultado da eficácia da

medida socioeducativa. Para os adolescentes, o motivo da mudança era a ordem de *bandeira branca* transmitida pelo *comando*.

Em relação as alterações institucionais, de fato certos rearranjos podem ter alterado o comportamento dos adolescentes, segundo Mallart (2014)

[...] é preciso reconhecer que os novos espaços de internação, frutos do processo de descentralização do atendimento, também conhecidos como *casas*, dificultam a mobilização dos internos, haja visto que os jovens encontram-se em número reduzido, aproximadamente 50 adolescentes por unidade, quadro que diverge consideravelmente daquele encontrado nos grandes complexos da instituição como, por exemplo, o Tatuapé, que na época em que Pedro esteve internado chegou a abrigar mais de 1.500 adolescentes divididos em 18 unidades de internação [...] Além disso, vale salientar que a dinâmica de funcionamento das novas *casas* assemelha-se às *unidades na mão dos funça*, espaços de internação em que a chance dos jovens *virarem a cadeia* é reduzida, principalmente porque o controle institucional é intenso. (p. 183)

Mas não se pode excluir o possível papel que as ordens do comando tiveram na mudança da postura dos jovens. Sobre essa temática Mallart (2014) destaca o fato de que não presenciou nenhuma rebelião nas “cadeias dominadas” desde que a bandeira branca foi estendida.

Os relatos dos adolescentes propiciaram a compreensão de diversos aspectos da dinâmica institucional das unidades de privação de liberdade até a fase de mudanças acima citada. Até esse período a medida socioeducativa mostrou-se mais efetiva como discurso do que como prática, as condições oferecidas aos internos não eram adequadas para a alteração desejada do repertório comportamental dos adolescentes.

As mudanças de 2006 propiciaram o surgimento de uma dinâmica distinta dentro de algumas unidades de internação, que os adolescentes denominaram *cadeia meio a meio*.

Analisar como essas instituições funcionam hoje se faz importante para compreender de que maneira essa nova forma de organização das instituições de internação possibilita ou não aos adolescentes a volta à sociedade com um repertório comportamental mais relevante para lidar com as contingências sociais e, preferencialmente, comportar-se de modo a alterá-las para que as

ações possam produzir o bem para ele próprio, o bem dos outros e o bem do grupo social pela seleção de práticas culturais funcionais para o bem comum.

Informações recentemente publicadas em diversos veículos de comunicação (Anexo 1) revelam que a constante violência ainda está presente nas unidades de internação, seja na relação entre internos seja na relação entre internos e agentes, além de precárias condições de trabalho aos funcionários da instituição.

Tais informações tornam o estudo das contingências em tais unidades necessário e urgente.

Mas será que há repertório passível de ser ensinado para que os adolescentes consigam os reforçadores que necessitam para uma vida digna e de bem-estar em nossa sociedade? O objetivo da medida socioeducativa pode ser mais eficaz quando as práticas por ela proposta tiverem como base a história de vida dos adolescentes considerando qual função os comportamentos considerados infratores por ele emitidos tinham em seu meio. Assim, práticas eficientes poderão ser propostas pois o repertório adquirido poderia ter a mesma função que a infração, e dessa maneira, ser substituído por ela.

Analisar essas funções e as metacontingências que podem estar evocando e mantendo comportamentos como furto, roubo, tráfico de drogas é um importante campo de estudo para analistas do comportamento e a sociedade.

Mas não apenas a possibilidade de alteração do repertório dos adolescentes deveria ser estudada e vista como forma de acabar com atos infracionais, mas também o ambiente na qual esses comportamentos foram modelados, reforçados, e como alterá-los. Afinal, mesmo que as medidas socioeducativas fossem eficientes em ensinar aos adolescentes repertórios que substituíssem os comportamentos “problema”, o ambiente e as contingências sociais que modelaram os comportamentos denominados atos infracionais continuariam ativas, podendo alterar novamente o comportamento desses adolescentes, ou ainda, modelar o repertório de outros jovens.

5 APÊNDICE

5.1 Relatos selecionados do capítulo 3: *As unidades dominadas como figuração social* do livro *Cadeias dominadas*

5.1.1 1º tema: Condições de sobrevivência na instituição

Relato	Contextualização	Fala	Página
1	Após ser pego quando fugiu da segunda rebelião relatada, Pedro foi levado para a mesma unidade que estava quando fugiu (AI-1 do complexo de Tatuape). Por conta da rebelião o local estava destruído.	Tava feio, não tinha colchão, não tinha nada. Pra você ter uma ideia, eu dormi uns dias no refeitório, em cima da mesa.	118
2	Pedro contando ao autor do livro sobre "regalias" disponíveis aos disciplinas. Segundo o autor esse fenômeno não era visto como uma "prática abusiva" pela população, e sim "um direito adquirido por todos aqueles que são responsáveis não só pelo funcionamento da cadeia, mas, principalmente, pelas ações de todos os adolescentes que cumprem medida socioeducativa em uma unidade dominada". Já para os agentes, as regalias eram resultantes do "regime opressor imposto pelas lideranças".	Tinha umas regalias [os disciplinas] de comer doce, tomar danone, isso a população não podia. É...entrava o danone [iogurte] e entrava a sobremesa pra todo mundo. Aí, o que que acontecia? Nós guardava o danone da semana, ia guardando pra visita, era tudo guardado pro dia de visita. Mas, de vez em quando ia um mão boba lá e comia um, comia dois. Os caras [os disciplinas] pode. Porra, são os caras que tã na frente da cadeia botando a cara a tapa o tempo todo.	131
3	Pedro após tentar fugir da instituição (UI-29) é transferido de unidade - Vila Maria- unidade onde meninos que atuavam como líderes em outras unidades. Nesse espaço imperava o DRP (Regime disciplinas diferenciado), tipo de regime vigente nas unidades prisionais. O complexo Vila Maria gozava de certo prestígio entre os adolescentes internados, pois abrigava apenas jovens que ocupavam um cargo. (pilotos, setores, faxina)	Aí, o sistema lá era o seguinte: era quatro por barraco. Aliás, de quatro a oito por barraco, eu fiquei na ala A, acho que era ala A, era quatro por barraco, uns quatro barraco, tranca. Você tinha uma hora de sol, quatro cigarros por dia e aula você tinha também. Só. Visita, uma hora de visita. Pra sair [do quarto], licença senhor, até licença cachorro tinha que pedir. Nada de liberdade. Você ficava ali por um prazo de trinta dias	138

5.1.2 2º tema: Rotina dos internos			
Relato	Contextualização	Fala	Página
1	O complexo do BRAS, para onde Pedro foi levado é conhecido, segundo o autor, por ser "uma unidade na mão dos funça [funcionários]".p 105. Sobre a instituição o autor apresenta um relato de um interno, que estava internado na mesma época de Pedro	São seis horas da manhã. Como começa todos os dias saímos para escovar os dentes e logo na sequência tomamos café da manhã. (...). Os dias são todos iguais, as únicas coisas que mudam são os modos de pensar e fazer as atividades. É chegado às 9h e nos chamam para fazer as atividades. No mesmo tempo sou chamado para fazer biscuit. É onde consigo distrair os meus pensamentos, que são focalizados na minha família. Quando acaba o curso, subimos para a quadra e tudo parece sossegado. Quando chega às 13h, todos nós descemos ao refeitório para almoçar. Quando termina o almoço, fazemos a escovação [dos dentes]. Logo em seguida, somos chamados para as salas de aula onde estudamos e adquirimos mais conhecimento das coisas que não sabemos. Já são 18h. Descemos para os dormitórios onde iremos tomar banho e esperar a janta. É 19h. Subimos para o refeitório para jantarmos e logo que acabamos, saímos para esperar em uma sala, até sermos chamados para assistir televisão. Como de rotina, sempre filmes repetidos, que conhecemos de trás pra frente. Chegou às 22h. É quando descemos para os quartos. Nesse momento, os pensamentos entram em serviço...	106
2	Pedro fala sobre sua escolarização, completou o ensino médio na unidade de internação, segundo o autor "Os contínuos deslocamentos ao longo de sua infância resultaram em uma formação escolar fragmentada". Ademais "É importante salientar que os internos das unidades dominadas costumam evocar a categoria inteligência como atributo dos adolescentes que atuam como lideranças."	Não é porque é bandido que tem que ser burro. Vê o Marcola, o cara já leu mais de mil livros na cadeia	101

5.1.3 3º tema: Interações entre internos (hierarquia e papéis sociais, valores, práticas coercitivas, e práticas não coercitivas)				
Relato	Categoria	Contextualização	Fala	Página
1	práticas não coercitivas	Pedro contando ao autor sobre sua saída da instituição	Sabe como é né professor, o bagulho é loco. No dia que eu fui embora, os cara [outros internos da unidade] me carregou no colo. Eu saí carregado nos braços de todo mundo.	97
2	Valores e seguimento de regras	Relato de Pedro sobre sua chegada a UI-1 (unidade de internação do complexo do Tatuapé, a primeira unidade de internação que o jovem passou para realizar a medida socioeducativa de privação de liberdade	Chegando lá, primeiramente foi os funcionário que conversou comigo. Depois que você atraca [entra] pro pátio, vai ver barraco [quarto] essas coisas, aí cola os faxina, pergunta sua caminhada e começa a explicar: é o seguinte, a cadeia é o certo pelo certo, entendeu? A caminhada vai ser o seguinte, respeito pra quem respeita. Nós somos contra a opressão e você vai caminhar dessa forma aqui, vai ter seu barraco e o seguinte, não pode ratear [roubar algo de outro interno]. Se ver alguma coisa, não viu. Se correr certinho, nós pode conversar pra você ter um espaço aí na frente da situação. E o negócio é esse, não ratear, não pagar de nada [fazer nada de errado] na visita. Se precisar de alguma coisa, chega nos faxina, não chega em funcionário	108
3	hierarquia e papéis sociais	Pedro conta sobre a organização hierarquica entre os internos	Às vezes, eles [os disciplinas] destacavam um adolescente da população pra presenciar a ideia da cadeia, dar a sua opinião. Aí os caras avaliavam qual era a sua visão do certo. Não é porque o cara é da minha quebrada que ele sobe. Diferente de um tempo ali em Franco da Rocha que foi assim. Eu até brigava com isso porque não pode pô. Tinha quatro nego daqui de Indaiatuba lá em Franco e nenhum deles eu subi, no tempo que eu tava na frente do negócio. Às vezes, os cara colocava nego de quebrada que chega hoje, amanhã já é faxina e não sabe nem qual é a situação	111
4	hierarquia e papéis sociais	Piloto da unidade do complexo Raposo Tavares (UI-37) conta sobre a organização hierarquica dos internos	O que leva o mesmo [o recém-chegado] a somar na disciplina é o dia a dia, que sempre é colocado na balança. É ele ter uma caminhada correta. É ele colocar em prática tudo o que aprendeu dentro da unidade .	111 - 112
5	hierarquia e papéis sociais	Após um mês na instituição, Pedro é chamado para ocupar o cargo de disciplina no setor da limpeza.	(...) os maiores de 18 anos pra cima ia pra Tupi, foi quando deu uma enxugada geral na faxina. Foi quando deu uma desarticulada na disciplina geral dali e teve que dar uma renovada, foi quando surgiu um convite pra mim [subir pra faxina].	113
6	hierarquia e papéis sociais	Em uma das unidades do complexo de Tatuapé (UI-7), um dos internos foi agredido por um funcionário, perante esse acontecimento os adolescentes se mobilizaram e entraram em contato com integrantes do comando para obter orientação - Relato selecionado pertence a Pedro	Porque pra você...se você tomar uma atitude errada meu filho é complicado. Não adianta, tem que ter alguém mais estruturado e com um poderio maior pra avaliar suas ideias. Foi quando chegaram e explicaram o que tava acontecendo lá [na UI-7] e os irmãos falou: quer virar essa porra, pode virar. Manda vê.	1113

7	hierarquia e papéis sociais	Pedro não assume o cargo, pois expressou uma ideia que foi criticada/mal aceita pelo grupo	Teve um fato que contribuiu pra mim não ir porque eu não tava preparado, foi uma ideia geral da cadeia, entendeu? Eu dei uma ideia totalmente contrária da cadeia, só eu e mais dois, isso daí me deu uma queimada ali dentro, tanto que eu tomei uma comida de rabo depois. É, o toque [da cadeia] falou: ó, presta atenção nas suas ideias que você foi contra a opinião geral, entendeu? Dá uma refletida aí, dá uma estruturada na sua mente, começa a colar mais nas ideias. Foi até bom eu não ter entrado nessa época porque um erro pode ser fatal. Por exemplo, se eu assumo uma responsabilidade dessa [subir pra faxina] e dou uma ramelada [cometo algum erro], os caras podem me mandar pra [Unidade de Internação] 5.	113 - 114
8	hierarquia e papéis sociais	Segundo o autor, perante as sucessivas fugas que ocorriam na unidade de Tatuapé o governo do Estado de São Paulo inicia o plano de desativação gradual do complexo de Tatuapé - Relato selecionado pertence a Pedro	Depois de tudo o que aconteceu no Tatuapé, fomos encaminhados pra inauguração da...digamos, nova Franco da Rocha. Nós foi a primeira unidade a chegar. Daí, nessa reestruturação juntou, fizeram um selecionado das unidades do Tatuapé. Aí, veio menor da UI-15, veio menor da UI-17 e juntou tudo ali na UI-29. Foi dois ônibus que chegou lá escoltado pela ROTA. Logo na chegada, no terceiro dia, foi estabelecida a liderança. Ali eu comecei como setor da limpeza. O cargo que você tinha na sua unidade ia ser mantido. Ali foi a primeira liderança, que veio o J., o B., esses caras, que não durou muito tempo. Foi uma semana de liderança e mandaram de bonde pra Raposo. Teve outra reestruturação. Depois de um mês, me subiram pra faxina.	118
9	hierarquia e papéis sociais	Pedro falando sobre o cargo de faxina, segundo o autor " os faxinheiros, valorizados pelos jovens da população, uma vez que resolvem boa parte dos problemas que os afetam cotidianamente, são extremamente respeitados"	Todo problema que tem que chegar no funcionário é o faxineiro que toma a frente da situação, tá ligado, mano?	120
10	Valores e seguimento de regras	Pedro falando sobre o desempenho do disciplina	Primeiramente é a população, é o bem-estar dela. Os cara já tá preso, fodido e mal pago. Tem que dar um novo olhar pra eles, uma nova esperança, nem que seja por amor ou por dor.	132
	hierarquia e papéis sociais		Você tá ali na frente da cadeia pra isso, é primeiro eles, depois nós [os disciplinas]. Esse é o procedimento, é o fundamento da faxina. Se você for entrar pensando que você vai ter tudo, que você só vai ganhar e não vai contribuir, você tá muito enganado.	
11	Valores e seguimento de regras	Autor usa o relato para exemplificar o posicionamento que os disciplinas apresentam em relação a população.	Faxina: porra mano, já mandei os cara da população fazer aquele bagulho lá e até agora nada mano. Piloto: que história é essa de mandar mano? Você não tem que mandar, você tem que pedir	132

12	Valores e seguimento de regras	Pedro falando sobre a disciplina	Ah, a disciplina é o dia a dia da cadeia, as regras impostas que têm que ser seguidas, é o que mantém a ordem. Respeito e liberdade acima de tudo, entendeu? É respeitar o próximo pra você ser respeitado. Liberdade quando der na telha, entendeu? É fazer o negócio andar, o negócio tem que andar certo. O negócio andar certo é não deixar acontecer injustiça. Tipo...você condenar alguém por um erro que não era tão grave. Matar, entendeu, sem permissão [dos irmãos], isso é uma coisa grave. Grave! É manter uma ordem, independente se tá preso ou não, se é bandido ou não, tem que ter um conceito de...de...um senso de correção. É a mesma coisa que você viver numa república, tem que respeitar o espaço do cara, tem que fazer aquilo pra não prejudicar ele e não me prejudicar. A disciplina é uma união. O bagulho veio pra...pra estabelecer isso daí mesmo, pra ninguém ser mais do que ninguém (Pedro).	133
13	Valores e seguimento de regras	faxina da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares falando sobre a disciplina/organização ("disciplina do comando") dos internos.	A disciplina é pra quê...a disciplina é uma palavra comum tá ligado, é uma palavra que qualquer pessoa usa, mas dentro da Fundação a disciplina é tudo mano, a disciplina é o respeito, é a humildade, é a igualdade pelo geral	133
14	práticas coercitivas	Pedro relatando sobre seus erros de abuso de poder "nos primeiros passos como faxina"	Nessa época [que o adolescente assumiu a faxina], o negócio começou a ficar feio. É, aí começou uma patifaria, uma bagunça de querer bater, até eu fui corrigido ali, me descaram a lenha ali também. Os próprios disciplinas começou a exercer o papel do Choquinho, da Tropa de Choque, entendeu? Eu também cometi meus erros. Mesmo que você não participasse você tava consentindo. Eu cometi uns erros também. Começou muita opressão na população e a população tinha medo da gente, medo. Falava de disciplina era...nem trocar ideia com nós eles trocavam. Era uma população afastada e não é isso o que tem que acontecer. Você tem que se aproximar dela.	134 - 135
15	práticas coercitivas	Pedro relata que quando virou faxina na UI-29, unidade no qual se encontrava internado, a relação entre os disciplinas e a população era muito punitiva. A direção começou a transferir os adolescentes que fossem agredidos. Com a transferência outras unidades ficaram sabendo que ocorria na UI-29, e se posicionaram contra a atuação dos disciplinas.	Isso daí com o tempo virou uma bola de neve, alguns menor começou a ser mandado embora pra fora da cadeia [pro seguro] sem motivo correspondente. Começou a ser espiado e começou a pegar bonde [transferência] pra outras cadeias e começou a falar. A 29 tava mais pra lá do que...tava mal falada. E pôe mal falada nisso. Pô, teve um debate que saiu da [UI] 29 e a [UI] 25 que as duas cadeia subiu pro telhado, as duas cadeia inteira. E é o seguinte, a primeira palavra desse debate que a 25 falou pra nós foi: a 29 a partir de hoje é cadeia de verme. A primeira palavra [ênfase]. Foi uma palavra forte, entendeu? Não digo tão forte pelo que tava acontecendo, qualquer um teria essa visão, mas foi uma palavra que não podia ter sido falada. Tanto que depois o cara foi corrigido e foi afastado do toque da 25. Teve também todo um processo que...então, começou o povo lá fora, assistente, diretor, a diretora, não lembro o nome dela, ela se assustava: como pode, eu nunca vi isso. Foi quando teve uma tentativa de fuga e foi todo mundo de tranca (...). Aí, mandaram de bonde.	135

16	hierarquia e papéis sociais	Interno falando da unida 1 da Vila Maria - unidade onde adolescentes que tinham cargos eram internados.	A torre é da onde que parte [as orientações para as outras unidades dominadas]. É ali que tá o toque geral mesmo. É os caras que têm o contato mais próximo com...[os irmãos do Comando]. (...) que nem a Vila Maria, ali já é nego residente [reincidente], nego mais rodado da Febem, nego que tem 10 passagem no currículo, que vai pra lá porque não tem onde colocar o cara.	139
17	práticas coercitivas	Pedro e outros três internos que também ocupava cargos na disciplina foram transferidos para a Vila Maria Pedro. No relato há a conversa de Pedro com alguns com internos da unidade Vila Maria sobre o que estava acontecendo na UI-29 (unidade onde Pedro estava internado)	Ali era só disciplina que ia. Disciplina de Vila Maria, de Raposo Tavares, Franco da Rocha, só dessas cadeias, 40, 41. Ave Maria! Quando chegamo lá, parecia que os cara tava esperando. Os cara falou: Torre: hei, colocou quem da 29 aí? Pedro: é o Pedro. Torre: então Pedro, cê é faxineiro lá em cima né? O que que tá acontecendo lá? Pedro: eu expliquei tudinho. Torre: quem tá na frente da situação? Pedro: eu falei os nomes. Torre: então, o bagulho é o seguinte, o bagulho se repercutiu aqui em baixo, certo. Nós vamos aí trocar uma ideia pra ver se vocês voltam pra dentro da cadeia ou se daqui mesmo já volta pro seguro. Pedro: E dá ideia meu amigo, foi quase uma noite inteira de ideia [conversa; reunião]. Você suava, eu pensava: tô fodido. Trancado aqui sem poder sair, esses cara vai matar nós, eu não vou aguentar não. Torre: porra, você tava lá mano. Pedro: pô, eu cometi uns erros sim, mas... Torre: não, não quero saber. Mesmo você não tendo feito, você consentiu, se você não tivesse gostando porque você não saiu? Sai da cadeia mano, passa a caminhada, mas não fica mano, quem cala consente. Pedro: E vai ideia, vai ideia e os cara chegou no resumo [resolução].	141
	Valores e seguimento de regras		Torre: é o seguinte, foi pro sumário [espécie de julgamento] e a resposta do sumário é o seguinte. (...) foi dada oportunidade pra vocês, porque nós geralmente tamo trabalhando com oportunidade, entendeu? Os monstros [integrantes do PCC] falou pra nós que era pra trabalhar com oportunidade, que era pra evitar de mandar nego pra fora da cadeia, é pra somar, não pra dividir. Então, foi dada oportunidade, vocês vão voltar pra cadeia de vocês. Vocês vão voltar pra lá e vão tirar esse maluco [piloto da UI-29]. Pisou o pé lá tira ele, manda pro seguro, manda quem tiver do lado dele pro seguro também e vocês assume a situação. Chega lá e tira ele, faz um catadão lá, chama uns moleque bom pra somar com vocês e é o seguinte, vocês vai colocar essa disciplina lá: mais ideia com os funcionário. Procura negocia mais do que agir com força, se for o caso de agir, age. Mas negocia mais. Mais progresso [benefícios] pra população, é o certo pelo certo. Faz um corre de biriri137, mantém contato com as outras cadeias e lá fora também [áreas urbanas em que os irmãos atuam].	

18	práticas não coercitivas	Na unidade de Vila Maria Pedro é instruído pelos disciplinas da instituição que ao retornar a U-129 ele deve retirar o comando atual da UI-29 e estabelecer um novo comando, pois a dureção dos adolescentes atuais era muito agressiva e não compactuava com a ideologia do Comando	(...) chegamo lá terça-feira à tarde e só fomo atracar [entrar na unidade] na quarta depois do almoço. E quando nós chegamo lá, passou um funcionário e viu que nós tinha chegado. Os caras [internos da população] tava esperando nós desde terça-feira. Chegamo lá foi festa, todo mundo recebeu com abraço.	143
	práticas coercitivas		Aí já chegamo e avisamo: cola os faxina. Colou os faxina e colou o Joca [piloto]. Chegamo no Joca e falamo: aí Joca, é o seguinte. Ele já veio na intenção de perguntar qual que tinha sido a ideia lá porque ele sabia que o chicote tava estralando pro lado dele. Ele falou: e aí mano, e a ideia lá? Nós falamo: não, calma aí que você vai ter o seu parecer. Fomo pro barraco, chegando no barraco: é o seguinte Joca, trocamos ideia lá e o respaldo foi que você tem que sair da cadeia. E ele: não mano, eu vou correr atrás da minha situação. [Pedro]: mano, você não tem que correr atrás de nada, você vai é sair da cadeia, é pra sair ou nós vai tirar você. E vai ser estabelecida a nova faxina. Acordamo no dia seguinte e cadê o Joca? Vazou! [pediu seguro, recorreu à proteção dos agentes institucionais].	
19	Valores e seguimento de regras	Relato de Pedro sobre sua permanência (30 dias) na Vila Maria, e seu retorno a UI-29	Você volta mais estruturado né veio? Volta mais...eu já tinha uma ideia, não vou falar que eu já não tinha uma ideia, mas você volta dali mais...começa a trocar ideia com os caras lá, mais experiente, reincidente, com umas 4, 5, 6 passagem. Aí você acaba voltando com a mente mais blindada. Eu voltei pra faxineiro com uma voz já mais, entendeu? Eu voltei pra faxina porque eu quis. Porque os caras queriam me jogar o toque [queriam que Pedro assumisse o posto de toque].	143

20	Valores e seguimento de regras	Pedro falando de como assumiu o posto de torre, após voltar da Vila Maria para a UI-29. O fato do piloto que estava no comando "liberar a galinagem" sem ter consultado os irmãos, seriam fatores de descontentamento para Pedro. Em relação ao segundo aspecto, o autor cita Biondi (2010. p 202) para dizer que nas prisões 'as decisões não podem ser tomadas por um irmão', por isso haveria sempre mais de um piloto nas prisões, e troca com a torre - "Essa é uma forma de evitar atitudes isoladas que anunciariam que alguém deseja ser mais do que o Comando" - pg 145	(...) foi estabelecido que na cadeia não podia ter galinagem [brincadeira] de mão, isso aí o próprio Piolho falou. Aí, o que que aconteceu? Eu fui dormi à noite, pagar [tirar] um descanso, tava cansado pra caralho, correndo o dia inteiro, dormi que eu nem vi. No outro dia, quando eu levantei, aquela cadeia tava uma zona de pasta, os cara chama de pomo. Pega papel higiênico, enche de pasta e taca na cara dos outros. Tava uma zona! Aí eu levantei macho e falei: Pedro: cola os disciplina aí, vamo ver o que tá acontecendo. Piolho: o que que tá pegando? Pedro: pô, já não falou que não era pra ter galinagem. Piolho: não, mas eu liberei. Pedro: mas não tem essa de liberar. Piolho: não, então, você tá batendo de frente com a minha ideia? Pedro: eu não to batendo de frente véio, você é que não tá agindo certo. Falou que não era pra ter, não é pra ter. Ninguém é melhor que ninguém. Então porque não libera na [UI] 21 e na [UI] 25 pra ver o que vira essa bexiga, nego vai começar a trocar soco no pátio. É o seguinte. Se continuar desse jeito, eu tô me afastando da faxina. Piolho: ah é, você tá batendo de frente? Se você não tá contente, você sai da faxina ou assume o toque dessa porra. Pedro: eu não quero. Piolho: agora não tem dessa, assume que eu não vou mais assumir. Pedro: daí ele renunciou. Aí os caras [da população] falou: aí, você chamou a ideia, não vem dá pra trás agora não. Não vai ficar sem toque essa porra não. Aí eu falei: então dá essa bexiga aqui!	144
----	--------------------------------	---	---	-----

21	hierarquia e papéis sociais	Pedro relata quando saiu do cargo de torre na UI-29	Foi nessa época que o Fabrício chegou. Ele ficou de geral [toque] e eu fiquei da cadeia [toque]. Só que era uma sintonia só. Até nisso daí eu não tinha conquistado nada, não tinha feito nada, não tinha mudado nada. Aí pegamo firme, pegamo firme não, eu peguei firme. Trouxe a roupa do mundão. Depois consegui a comida do mundão. Aí, eu e o Fabrício começamo a botar o bagulho pra andar. E tava indo legal. Aí, foi quando eu e o Luan [faxina] meio que se estranhamo lá, que parou a cadeia. Porra nós tava conquistando tudo, tava indo devagar. Eu sou um cara mais racional, entendeu? Eu não gostava de estourar, fuga era só na hora certa. E os cara [os disciplinas] querendo estourar e eu falei: não, não vai. [Luan]: você tá indo contra os bagulho, isso não é certo. Isso começou no barraco. Começou uma gritaria, meu irmão! Eles queria estourar, queria ir embora. Num dava, naquela época não dava. Nós tinha acabado de chegar da Vila Maria, tava uma pressão lascada pra cima de nós, qualquer coisa os cara entrava, já tava a SAP ali, num dava. E ele: não, vamo. E eu: não, não vamo. Aí ele falou: você não é digno de estar na frente da situação. Aí o bagulho estranhou. Aí o negócio...eu falei: como é que é? Não sou digno? Então é o seguinte: convoca a cadeia aí. Convocou a cadeia lá na sala de vídeo. A população na parede, os faxineiro no meio. Aí vieram matando em cima de mim. [Disciplinas]: pô Pedro, você não tá querendo, o bagulho é progresso. [Pedro]: mano, não dá, não dá e eu não vou fazer. Quer fazer, vocês faz. Ficou um negócio feio. Aí, eu falei: quer saber, toca essa bexiga. Tirei a camisa e joguei no chão. Falei pros cara: toca essa bexiga aí. E os cara: você tirou a camisa no bagulho! Eu falei: toca, não tá bom pra vocês. Aí eu me afastei.	147
22	práticas não coercitivas	Funcionário do complexo de Franco da Rocha relatando sobre a saída de Pedro da instituição, quando terminou de cumpriu a medida socioeducativa de internação	O dia que o Pedro saiu, até a [UI] 25 cantou a liberdade junto. Eles cantaram a liberdade, aquela reza que eles faziam lá na quadra, perto do muro da 25. Eles pegaram o Pedro, levantaram ele assim...nos braços. Ele ficou em cima e eles rezando, todo mundo em volta. E a 25 rezando junto. Eles quebraram todos os trincos das portas [dos quartos], todos, de tanto bater.	149
23	Valores e seguimento de regras	Tulio relatando sobre a saída de Pedro da instituição	Quando eu entrei, ele já tava afastado [do posto de piloto da cadeia] porque aconteceu uns desatrito com ele. Uns desentendimentos dele lá que eu não lembro direito. Mas eu sei que ele foi um puta de um cara cabeça pra caramba, inteligentíssimo. Nossa, eu conheci o Pedro, o cara era cabeça pra caramba.	150

24	práticas coercitivas	Tulio relata de um desentendimento que teve com um interno dentre da Unidade de Internação provisória	Tive um atrito com um moleque lá, bati nele. O moleque era meio que aliado dos funça. Ele foi querer folgar comigo, aí eu falei: pára cara, não gosto de confusão, não gosto de confusão. Teve uma hora que ele me irritou né, quando ele me irritou, eu subi ele na porrada [agrediu o interno]. Quando eu subi ele na porrada, os funça subiu eu na porrada também. Aí um funça foi tentar me bater, um fraquinho lá, eu joguei ele no chão. Aí, quando eu joguei ele no chão, foi a pior coisa que eu fiz. Os outros funça me moeu na pancada.	162
25	Valores e seguimento de regras	Chegada de Tulio na unidade onde ficaria internado (UI29)	A primeira coisa que os caras [os disciplinas] fala é: aqui é cadeia do PCC. Aqui é do PCC, a influência aqui é do Comando. Nós não aceita patifaria e não aceita Jack [estuprador]. Se você fez alguma coisa de errado lá no mundão já fala agora, porque se mais pra frente nós descobrir, você vai ser cobrado pela mentira. Dia de visita você não pode levantar a camiseta, não pode bater punheta. Os cara passa tudo a caminhada. Aí beleza, depois disso eles fala: agora é com você, daqui em diante é com você. Você vê, aqui nós têm tudo isso [roupa do mundão, gel para o cabelo, comida do mundão, quartos abertos no período noturno, etc] e mais um pouco que nós quer conquistar. Naquela época, a intenção dos caras era sempre conquistar mais e mais...	165
26	Valores e seguimento de regras	Tulio falando sobre ser capacitado para fazer parte da disciplina	Na minha visão, ser capacitado é muita coisa, muita coisa cara. Primeira coisa é a humildade. Porque se o cara não tem humildade, tipo...se o cara quer sempre ser mais, sempre estar certo, sempre estar na razão cara, não é cabível nem fodendo ele entrar em uma faxina, porque se ele entrar, ele vai bater a nave [vai cometer erros]. O cara tem que estar ciente do que ele está fazendo, estar muito ciente mesmo porque se ele entrar de olho fechado...tipo na emoção sabe: ah, eu quero ser piloto. Eu quero ser piloto e pá, todo mundo vai querer ficar do meu lado, todo mundo vai gostar de mim porque eu sou piloto. Se ele pensar assim, o cara vai quebrar, o cara vai quebrar	167

27	práticas não coercitivas	Tulio falando sobre a relação dos disciplinas com a população UI29	Os caras [os disciplinas] pegava e chegava em nós: oh, tá acontecendo tal, tal situação, tem como vocês colar lá na ideia pra ajudar a gente? [Túlio]: demorou. Eu colava lá, ajudava os cara entendeu, dava a minha opinião. Aí, tipo assim, os caras [as lideranças] falava que a opinião de uns cara que já conviveu com muita coisa era bastante influente, bastante forte. Mesmo sendo população porque é o seguinte: quem já conviveu com muita coisa é mais cabeça, mais mente, já passou por muito mais coisa. Os caras trabalhava em cima disso né. Porque eles também queriam aprender, porque querendo ou não, mesmo o cara estando na faxina, ele tá numa fase meio que de aprendiz. O cara pode ser piloto e tudo, mas nem tudo o cara sabe. Então, tipo, é um passando pro outro, um aprendendo com o outro. Tipo como se fosse uma escola mesmo, só que uma escola voltada pro crime, tá ligado? Então, tipo, eu sempre tava colando nas ideia junto com os caras. Aí, eu fui aprendendo mais, aprendendo mais, os caras foi me convidando [pra somar com a disciplina] e eu negando né, que no começo eu não queria me envolver.	168
28	práticas não coercitivas	Tulio conta sobre sua recusa para o convite de ocupar um posto no setor da limpeza	Nessa época, eu falava: não, não quero. Daí, alguns caras [sobretudo os setores] falava: você quer moleza, quer ir direto pra faxina? Eu falava: não, não é que eu quero ir direto pra faxina. A questão é que pra mim esse cargo de setor não me convém mano. Tipo, os caras via que eu não gostava mesmo do trampo de setor. Puta, eu não gostava de ficar varrendo pátio, essas coisas, não gosto mesmo. Não gosto cara! Eu não arrumava nem o meu barraco, eu pagava pros outros arrumar. Eu tinha de tudo lá dentro entendeu, tinha de tudo mesmo cara, tinha era cem maços de cigarro. Os caras pagava maior pau né mano pra isso. Pô, eu tinha de tudo né mano. Era o maior corre mesmo. Tipo, eu não gostava nem de lavar a minha roupa mano, pagava pros outros lavar porque eu não gostava.	169
29	Valores e seguimento de regras	Tulio relata sobre a "capacitação" dos adolescentes que chegavam na UI29 para atuar na disciplina em postos de liderança, e do convite que recebeu para atuar como faxina	Muita gente que entrava ali naquela época já era mais criança cara. Tipo mais voltado pra criancice. Os caras não se desempenhava, não trocava uma ideia, não tava nem aí se o Choquinho ia entrar ou não. Os caras não se preocupava muito, os caras queria tirar [a cadeia] só na gozolândia mesmo, deitado, dormindo, comendo, bebendo. Os caras não se preocupava com o que iria acontecer mais pra frente, os caras não via o futuro. Tipo, os disciplinas tava sem opção. E aí, é o seguinte: os caras [as lideranças] achava que eu tinha muita ideia né mano. Os caras falava: puta mano, o cara é muito cabeça pra colocar ele num setorzinho. Os caras convidava eu pro setor e eu negava. Daí, eles falava: ah, e pra faxina? [Túlio]: pra faxina talvez eu pense. Naquela época, os caras olhava pra população, os caras falava: pô, nós só enxerga você mano	170

30	práticas coercitivas	Tulio relatando sobre como recebeu o do convite para atuar como faxina	Eu já tava muito influente com eles [os pilotos], já tinha pegado muita amizade com eles. Aí eles falaram: cara, não tem mais opção, nós tá sem opção cara. Não que nós tá pedindo pra você quebrar o nosso galho cara, mas, ou é isso ou você vai ver a cadeia virar patifaria e não é isso o que você quer. Daí, eu falei pros caras: puta cara, mas não adianta eu me juntar com vocês e não ser o que vocês querem. Daí, os cara pegou e falou: não, nós têm plena confiança que você vai conseguir. Do seu jeito ou não, você vai conseguir. Daí, me chamaram pra faxina. Eu falei assim: ah, demorou então, vamos ver o que vai dar. Fiquei na faxina por um tempo, aí depois eu resolvi me afastar. Eu mesmo resolvi me afastar. Eu lembro que tipo eu tava meio de cabeça quente, eu já não tava mais aguentando aquelas ideias, não gostava de ver outros caras sendo corrigidos. Porque dóia né mano. Porra, você ter que bater em um cara que você vai ter que continuar convivendo com ele, não é fácil né?	171
31	hierarquia e papéis sociais	Tulio relata sobre como a disciplina atua e de seus valores	Só porque o cara xingou o outro ali, nós já vai subir o cara na paulada? Não é assim que funciona, não é assim que a banda toca cara. Por isso que os caras [os disciplinas] têm que sentar e conversar muito antes de chegar na decisão final	172
32	hierarquia e papéis sociais	Tulio relata sobre como a disciplina atua e de seus valores	Setor, dependendo da situação, nem vai [não presencia a aplicação da medida punitiva]. Porque o setor tá aprendendo, tá começando a desenvolver as ideias que nós desenvolvia. Porque não era fácil, não era fácil você ter que sentar lá e ficar duas horas, três horas conversando com uma pessoa até entender o que aconteceu. Era muito difícil, vários caras. Aí você colhe a opinião de um, escuta outro, escuta um, escuta outro, até um errar ali e falar a verdade. Até um não aguentar mais e falar: não mano, foi isso e isso que aconteceu, essa é a verdade. [Disciplinas]: ah, é isso, então beleza, então nós vai agir assim, assim, assado.	173

33	práticas coercitivas	Tulio relata sobre como a disciplina atua e de seus valores	Em alguns casos era madeirada mesmo. Teve um maninho lá, o único de Taubaté que foi corrigido. Puta, deu mó dó né mano. O cara olha nos seus olhos e fala: puta, vou apanhar. Esse moleque aí tinha chamado os caras de verme [os disciplinas]. Nossa, até comigo ele já tinha arrumado confusão, tá ligado? Eu que mais defendi ele lá dentro cara. Tipo, eu ali né mano, pô não queria que o cara apanhasse. E eu tentava, falava com os caras [com as lideranças]: pô, dá uma oportunidade e pá ou então vamo só no braço. Oh, teve muita conversa cara, muita conversa mesmo porque muitos ali, por muitos ali era seguro mesmo. E os cara falava: pô mano, mas só porque o cara é da sua quebrada? [Túlio]: não cara, não é por causa disso. É que sei lá cara, na minha opinião, o cara não merece isso, ele merece ser corrigido dessa forma aqui e não dessa daí. Aí, foi muita conversa, muita conversa, muita conversa. Nas ideias entre a [UI] 29 e a [UI] 25, ele foi e deu uma mancada lá no meio da ideia. Primeiro ele disse que não aceitava o correção dele. Na 29, os cara falando pra ele né...porque os cara fala: oh, você só vai sair [da cadeia] com a nossa permissão pra ir pra técnica, você vai ficar um tempo na nossa visão pra nós ter certeza que você não vai caguetar a gente lá na frente [na direção]. E ele não aceitou na hora que os caras da 29 falaram isso. Só que na hora que os caras da 25 repetiu a mesma coisa que nós tinha falado, a mesma coisa, ele foi e aceitou. Aí, eu pensei: nossa, o cara mesmo se condenou mano. Porque ele devia ter ficado quieto cara, não ter falado nada. Esperasse os caras da 25 falar também e ele falasse só uma vez [emitisse uma única opinião], já que ele tinha dúvida do que ele estava falando. Aí, ele bateu a nave. Já era. Eu pensei comigo: infelizmente mano, o cara vai apanhar. Aí, não deu outra, os caras subiu ele na madeira.	173 - 174
34	hierarquia e papéis sociais	Tulio relata sobre o processo de sair do cargo de disciplina	Não era assim , só chegar e falar: ó, eu quero sair. Tive que trocar ideia. Pra explicar porque eu queria [o afastamento]. Porque não era assim, só chegar e falar: oh, eu quero sair. Tive que trocar bastante ideia, convencer os caras entendeu, expliquei pros caras a situação, tudo e pá. Os caras entendeu e falou: não, isso mesmo, nós entendemos. Chegaram numa conclusão, então, que eu estava afastado. Depois disso não passou muito tempo eu subi de novo, os caras convidaram eu de novo pra subir pra faxina.	175

35	hierarquia e papéis sociais	Tulio relata sobre a mudança na relação dos disciplinas com os jovens da população após a "bandeira branca"	Tipo assim, tá acontecendo um...vamos supor que o moleque vai lá e bate punheta no dia de visita. O cara sabe que não pode. Então, tipo, pra nós, nesse caso, era madeirada na certa, mas mesmo assim nós quer a opinião mais pra frente [dos irmãos] porque nós não sabe o que tá acontecendo lá fora, principalmente naquela época que os caras falou: não, agora é paz total, é só pegar e tirar pra fora da cadeia. Daí, tipo...numa situação dessa aí o cara não merece ir pra fora da cadeia, o cara merece só um corregimento, mas qual o corregimento? Qual deles escolher? Pô, são vários caminhos, imagina que são três caminhos. Um desses caminhos tá certo e os outros dois tá errado. O bagulho é mil grau mano, você fica com a cabeça a mil. Puta, faço ou não faço, faço ou não faço? Muitas vezes ali nós fez porque nós tinha certeza que tava certo, nós chegava nos caras [nos irmãos] depois e falava: oh, nós fez isso, isso, assim, assado. Como vocês quer nós tá passando a caminhada. Aconteceu isso, isso e isso, assim, assim e assado, beleza?	178
36	práticas coercitivas	Tulio conta sobre o plano de fuga dos internos que estava em ação, iniciaram a cavação de um túnel para sair da unidade	Tinha tudo mano, o bagulho você ficava de pé mesmo, era grandão, o bagulho era monstro mesmo. Se os caras não tivesse tido tanta pressa, nós tinha conseguido. Porque os caras pensou: ah, vou fugir de sexta pra sábado, sábado é visita. Os caras [integrantes do Choquinho] não vai entrar pra dentro. Uma coisa que ninguém esperava né, nunca tinha acontecido de no dia de visita os caras resolver fazer revista na cadeia. Aí, alguns caras já tava lá dentro do túnel, cataram os caras dentro do túnel. Cara, o bagulho era...oh mano, se continuasse do jeito que tava, os caras [funcionários] só ia descobrir no dia que a cadeia tivesse vazia. Os caras só ia descobrir na hora que falasse: cadê todo mundo? Ia todo mundo embora, quem que ia querer ficar?	184 - 185
37	hierarquia e papéis sociais	Tulio relata de seu afastamento do cargo após a tentativa frustrada de fuga da instituição na qual estava intenado	Eu tava perto de sair, não tava aguentando mais. Tava com muita coisa na cabeça cara, algumas coisas aconteceram com a minha família. Daí eu falei pros caras [lideranças]: tô me afastando, vou tirar licença. Os caras entenderam. Daí, os caras falaram: ah, beleza então, pode se afastar. Nós vai passar pra cadeia. Passou pra cadeia, aí eu me afastei. (...) queria me manter do jeito que eu tava. Mesmo assim, os caras ainda convidava pra ideia, sempre convidando pra ideia.	185

38	hierarquia e papéis sociais	Tulio fala de suas relações e sentimentos após o afastamento do cargo de disciplina quando estava perto de acabar a medida socioeducativa	No final de 2008, todo mundo já tinha ido embora. Todo mundo, não tinha mais ninguém cara, ninguém mesmo, só eu. Tipo assim, eu já me sentia mais solitário. Tipo...não tinha mais o que me confortar ali. Apesar dos caras me respeitar e pá, eu já tava meio afastado, os caras já me achava meio invocado. Não conversava muito. Os caras chamava eu pra ideia, eu tipo trocava ideia, dava minha opinião, tudo. Os caras via a minha ideia e falava: por que esse cara não tá na faxina? Os caras que chegavam [os novatos] falavam isso, tá ligado? Os caras tinha acabado de chegar e perguntava: por que você não tá na faxina com os caras?	186
----	-----------------------------	---	---	-----

5.1.4 4º tema: Interações entre funcionários e internos (práticas coercitivas e práticas de negociação)

	Categoria	Contextualização	Fala	Página
1	práticas coercitivas	Rebelião na sexta feira da semana dos ataques do PCC e das rebelioes em unidades prisionais de SP	A Tropa de Choque já tava lá fora. Saía de uma cadeia e ia pra outra, os caras já chegavam arrebrandando. Tava estourando tudo mesmo. Fui procurar o Bruno [piloto da unidade], cadê o Bruno? E aí Bruno: o que nós vai fazer?[Bruno]: nós vai quebrar tudo. Foi quando o Alan [outro piloto] subiu com o funcionário lá no telhado, com a faca. Não sei que loucura que deu nele que ele empurrou o funcionário. O funcionário caiu e machucou a perna. Daí, os caras [da Tropa de Choque] começaram a jogar bomba e dar tiro, o bagulho começou a pegar fogo. Foi quando fui procurar o Bruno e cadê? E o funcionário machucado lá e os cara querendo entrar. Foi quando eu peguei e amarrei uma camisa na cabeça e peguei uma naífa e fui lá negociar com os caras, fui lá na frente. Foi quando eu peguei e amarrei uma camisa na cabeça e peguei uma naífa e fui lá negociar com os caras, fui lá na frente. Na primeira palavra que eu falei, os caras: não Pedro e tal. Já reconheceram a minha voz. Aí eu até tirei a máscara. Eu falei: ó senhor, é o seguinte: vamo negociar. Sem esculacho [humilhação]. O seu José [diretor da UI-29] também tava lá. E os caras com várias 12 [armas] e tal e eu com a faca no pescoço do funcionário. Senhor, é o seguinte: vamo negocia. Sem esculacho. Quer entrar, entra, mas sem esculacho porque se esculachar, nós vai matar esse funcionário aqui. [Diretor]: mas se vocês matarem vai todo mundo de bonde pro CDP [o diretor ameaça, afirma que os jovens serão enviados para um Centro de Detenção Provisória]. Eu pensei: nós já tá ferrado mesmo. Daí, os cara [da Tropa de Choque] falou: não vai ter negociação, nós vai entrar.	95

2	práticas coercitivas	Pedro tenta negociar, deixaria os policiais entrarem desde que estes entrassem sem "esculacho", a negociação não foi aceita pelos policiais que "invadem a unidade de Internação 29"	Encurralou nós no canto lá do muro da [Unidade de Internação] 25. Eles falaram: vai, todo mundo descasca, descasca [o mesmo que tirar a roupa]. E eu tava sem coruja [cueca]. E eles: quem tiver sem coruja, pega uma coruja e veste, não quero ninguém pelado. E tinha um monte sem coruja e um monte com, aí todo mundo descalço e na pressa acabou tirando a coruja e todo mundo foi procurar, um pegando a coruja do outro e eu caramba, toda hora que eu ia pegar, alguém pegava, fui o último sem coruja. Chegou um choque lá e pegou uma coruja e jogou pra mim: você é o último né? Não era você que tava lá negociando? [Pedro]: não era eu não. [Policial]: era você sim. Daí, ele chegou e pá, já me deu uma escudada na cara, aí pronto fodeu. Só sobra pra mim, só eu que apanho nessa porra. Me deram um sacode ali rapidinho e me levaram lá pra cima na formação [após o término do motim, os internos são obrigados a sentar em filas, com a cabeça apontada para o chão, procedimento conhecido como formação]. Aí, começou o esculacho e o negócio começou a pegar pro meu lado. Chegou lá na formação e aí chegou os caras: cadê o Pedro? E eu abaixado assim. Cadê o Pedro? E eu quieto, sabia que eu ia apanhar. O cara falou: levanta a cabeça todo mundo. Levantamos. Ele falou: Pedro vem cá. Beleza, eu fui. Me levaram lá na churrasqueira. Ele falou: ajoelha aí Pedro. Ajoelhei. O cara da SAP [Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo] pegou, tava de toca, mas eu sei quem é. Pegou a 12, engatilhou e falou: abre a boca, vou te matar, vou te matar mano. Chegou um outro, deu coronhada na minha cabeça, na cara e falou: vamos dar uns tiros nele. Dando bicuda [chutes] e tal.	96
3	práticas coercitivas	Pedro é verbalmente agressivo com os policiais após apanhar	Daí, eles falou: aí mano, você é do PCC? Eu falei: meu senhor, não sou não, mas nós fecha lindo, não tem essa não. [Integrante da SAP]: você é bocudo hein? [Pedro]: não sou folgado, só não gosto de vocês. Aí, bateram, bateram, bateram, aí eu abaixado assim no chão, pegaram um spray de pimenta e por baixo do meu braço mandaram ver...[som do spray sendo usado pelos policiais]. Meu amigo...foi sofrido hein.	96
4	práticas coercitivas	Pedro falando do início do seu processo de institucionalização, primeiro passando pela UAI (unidade de atendimento inicial, e depois pela Unidade de Internação provisória	Eu fiquei três dias na UAI, depois de três dias eu desci pra UIP-6, e aí eu fiquei três meses aguardando a sentença. Mas eu já tinha certeza que ia ser de seis meses a três anos. E ali eu fiquei três meses. Ali até que foi um período razoável, de vez em quando eu tomava um coro [apanhava] do tal do seu André [funcionário]. Lá, eu tinha uma assistente [assistente social que acompanhava o processo de Pedro], eu só não lembro o nome dela agora. Ali até que foi um período sossegado, teve uns princípios de rebelião, essas coisas. É...não é bem rebelião né. É nego levantar do chão e falar que vai virar [a cadeia] e a cadeirada come solta. O negócio começou a ficar mais estreito [difícil; preocupante] mesmo a partir do momento que o bonde cantou [a transferência para uma Unidade de Internação]. Aí, o negócio começou a ficar mais...	107 - 108

5	práticas coercitivas	Em uma das Unidades do complexo de Tatuapé (UI-7), um dos internos foi agredido por um funcionário, perante esse acontecimento os adolescentes se mobilizaram e entraram em contato com integrantes do comando para obter orientação, estes deram um "aval" para uma rebelião. O relato conta sobre a rebelião.	Foi quando tudo começou, quando oprimiram a UI-7 lá em cima, né? Foi isso que deu origem à mega rebelião, tão famosa que teve trator e o caramba a quatro. Eu tava do lado daquele trator que ia sair pra fora, que os caras tava querendo jogar no portão. Aliás, eu tava no toque de frente, tanto que aparece na televisão quatro menor ali jogando pedra na Tropa de Choque, eu tava ali no meio, já dali. Uma parte [dos internos] foi tentar pegar a 5 [UI]. Outra entrou na Denadai, lá dentro tinha Denadai [empresa que fornece alimentos à instituição]. Acabou com tudo, o complexo caiu. Acabou com tudo, 2 mil menor praticamente ali naquele quadrilátero. Teve choquinho que tomou uma pá de facada ali dentro. Ali foi uma carnificina.	116
6	práticas coercitivas	Após um período de rebelião, que havia resultado em muitos danos a estruturas físicas da instituição, muitos mortos e feridos a tropa de choque chega no complexo.	Aí foi quando encurralou todo mundo na 12 [UI]. Aí foram separando, mandaram todo mundo ficar de coruja. Foi separando por unidade. Eu voltei pra 1. Eu e voltou mais uns 15 [outros disciplinas] de outras unidades pra ficar lá meio muqueado [escondido] trocando ideia. O toque da 12 [toque geral] também tava muqueado, depois que acharam ele e mandaram pra lá [de volta para a UI-12].	116 - 117
7	práticas coercitivas	Após a repressão da primeira rebelião narrada, os jovens se organizam para a segunda. Nessa segunda rebelião Pedro consegue fugir, mas é pego por policiais em um terminal de ônibus ainda no dia da fuga	Eu lembro até o dia, eu lembro como se fosse hoje. O sinal pra começar foi um assobio, de uma unidade pra outra. Começou a assobiar, os cara falou: é agora. Abriu as tranca e todo mundo correu, parecia uma São Silvestre. Nós arrebentamo o portão, foi arrebentando. A 1 foi a segunda unidade a sair, a primeira foi a 15, então, nós ficou na frente. Aí formou um cordão do Choquinho e nós foi. Como tinha meia dúzia de menor eles ainda iam pra cima, mas quando começou a chegar aquele monte de menor o Choquinho já foi recuando, foi a hora que eles começou a soltar escudo e cassetete e a correr. E os portão trancado, aí os cara batia, outros começava a subir. Foi o tempo que chegou aquela leva com bicuda e arrebentava até cadeado, aí foi unidade por unidade. Os portão lá na frente não aguentou. Quando eu tava subindo pra pular, aí chegou uma leva e abriu um portão, abriu outro e todo mundo foi pra rua. Aí eu fui embora, eles me pegaram ali no terminal [de ônibus], eu não fui nem tão longe. Os busão tudo lotado, um monte de gente, correria, bala, a ROTA tava no meio, você escutava só os estampido de tiro. Foi quando eu entrei por trás do terminal que tem...ali é Belém, ali tem um terminal. Foi quando me pegaram lá. Eu tava escondido e pensei: pronto, os caras vai me matar. Aí entraram lá e me jogaram na viatura. Iam levar pra matar, eles tava conversando entre eles: vamos levar pra matar essas porra aqui. Aí eles começou a entrar numas quebradas, uns bagulho louco. Aí eu falei: nossa senhora, o bicho vai pegar agora. Bom, resolveram levar pra delegacia. Depois disso daí, voltei pra 1 de novo.	117 - 118

8	práticas não coercitivas	Funcionária fala sobre unidades dominadas, ou seja, onde o a ordem\rotina são coordenadas pelos internos da instituição	É tão difícil falar sobre isso. É...eu acho que...uma coisa que a J. falou hoje pra gente e eu acho que é isso. A gente quer trabalhar em condições ideais de trabalho. Eu não sei, eu sempre vi uma polaridade na Febem. Sempre foi tudo ou muito rígido demais ou frouxo demais e eu nunca acreditei em nenhum desses dois lados, mas também eu nunca vi uma prática diferente disso. Nenhuma unidade...eu só trabalhei na 38, mas eu conheço muita gente que trabalha em muitos outros lugares, eu não conheço ninguém, ninguém que tenha falado alguma coisa diferente disso. Essa organização, durante muito tempo na 38, tem três anos e meio praticamente que eu tô aí, sempre na mesma unidade e praticamente com a mesma equipe de trabalho, teve mudança de coordenador essas coisas, mas...eu sempre vi que...que ela era prática durante algum tempo. Ela funcionou porque a gente conseguia fazer muitas coisas e...você falar que a organização deles não viabiliza o nosso trabalho é mentira porque ela viabiliza, ela facilita o nosso trabalho. É como você chegar pra chamar um grupo [de adolescentes] e você não ter que ficar arrebentando a sua garganta pra chamar os meninos que vão participar daquele grupo. Você simplesmente entrega o papelzinho [para os disciplinas] e fala: taí, faz pra mim? Aí o menino faz o trabalho braçal pra você e você fica mais com a parte intelectual. Não acho que isso seja o ideal. Esse tipo de organização faz a gente não querer melhorar o nosso trabalho porque também é nossa parte fazer isso, também é nossa parte organizar tudo isso. Mas, de certa forma, às vezes é mais fácil trabalhar assim e às vezes só é possível trabalhar assim, como eu tenho vivido até então. Eu não sei, eu acho que a casa na mão dos meninos é...representa muito, se a gente for pensar no ideal da Fundação que é ressocializar o menino, é óbvio que a gente sabe que isso na prática não rola, mas eu acho que uma casa na mão [dos meninos], ressocializa muito menos porque a cultura que se implanta lá dentro não é de: a gente pode fazer algo diferente quando sair daqui. A cultura que se institui lá é: quando a gente sair, a gente vai viver a vida do crime mesmo. Não sei, eu acho que se for pensar é mais ou menos isso, é só uma reprodução daquilo que eles já estão cansados de ver lá fora, não representa alguma coisa de novo, alguma coisa diferente que a gente pode trazer pra eles	122
9	práticas de negociação	(ex-funcionária do setor pedagógico da UI-29, complexo de Franco da Rocha, que atualmente trabalha em uma unidade na mão dos funça).	Olha...vou falar francamente um negócio pra você. Com a liderança era uma faca de dois gumes. Pelo seguinte, era muito mais seguro você trabalhar dentro de uma unidade com a liderança deles do que hoje sem a liderança. Porque a liderança ela se mostrava. Ela era clara e objetiva. Ela te deixava trabalhar e ela não te traía (...). Não havia traição por parte dos meninos com os educadores, com os educadores tá, e não com os funcionários [agentes de segurança]. Porque os funcionários eles odiavam e se eles pudessem fazer um churrasquinho, eles faziam. Nós tínhamos muito mais segurança do que agora. Porque quando eles queriam fazer alguma coisa, eles mandavam a gente sair do pátio. Era a primeira coisa que eles faziam	123

10	práticas de negociação	Pedro conversando com o autor sobre a relação entre os disciplinas e os gentes da instituição	Essas negociação era até divertida, tinha situação que ficava um clima bem tenso, porque querendo ou não era tipo uma questão, era quase um Palmeiras e um Corinthians, por mais que é necessário ter, um não gosta do outro. Tinha momento que era até legal, que nós ia lá, descontraía e trocava uma ideia. O que dá pros caras fazer, eles fazem, você colaborando, evitando de botar tanto nego pra fora [da cadeia], não ofendendo muito funcionário...escola é 90% ali dentro. Se você quiser conquistar alguma coisa a mais, a escola é essencial. Os caras quer escola. O que o cara [diretor] puder fazer, até meio encobertado, o cara faz.	131
11	práticas coercitivas	Pedro após tentar fugir da instituição (UI-29) é transferido de unidade - Vila Maria - unidade onde meninos que atuavam como líderes em outras unidades. Nesse espaço imperava o DRP (Regime disciplinas diferenciado), tipo de regime vigente nas unidades prisionais. O complexo Vila Maria gosava de certo prestígio entre os adolescentes internados, pois abrigava apenas jovens que ocupavam um cargo. (pilotos, setores, faxina)	É...aí fui pro RDD, Regime Disciplinar Diferenciado. Chegando lá, na 1 da Vila Maria, tava tudo tomado véio, tudo tomado pelos funça. Aí o chicote estralou lá mesmo, era a SAP [integrantes da Secretaria de Administração Penitenciária] que tava lá. Chegamos lá já no coro. Quem levou nós foi o Choquinho. Isso em 2005 ainda. O Choquinho passou toda a nossa fita pros caras [os agentes de segurança da UI-1]. Eles falou: ah, vocês é liderança? Então vamos conversar aqui com...aí o chicote estralou. Bateram com a mão, cassetete, bicuda, com aqueles coturno, ixi...o chicote estralou	138

12	práticas coercitivas	Registro do livro de registro do autor	Partimos para a última sessão do ensaio fotográfico, no qual os adolescentes estão produzindo os seus próprios retratos. Uma cena específica chama atenção. Tiramos fotografias individuais quando chega a vez de um dos pilotos da cadeia. O adolescente, com a roupa impecável, acaba de sair do banho. Nota-se que o jovem preparou-se para tal acontecimento. O interno escolhe o fundo em que será retratado, um grafite estampado em uma das paredes, com o desenho de uma favela. No local, sentados em um banco, há três agentes de segurança. De fato, há espaço suficiente para que a imagem seja feita, ou seja, não há necessidade que os funcionários deixem os seus respectivos lugares, mesmo porque estão na frente de uma pequena parte do grafite. No entanto, o piloto se aproxima e diz: dá licença aí senhor. Os três funcionários, apesar de demonstrarem certo descontentamento, se levantam. Um dos agentes de segurança, que veste uma camiseta com a palavra AGENTE estampada em suas costas, parecida com algumas roupas que são utilizadas pela polícia civil, diz alguma coisa. Não consigo ouvir o que é dito pelo funcionário. Contudo, o piloto para quem foi dirigida a fala, se manifesta: tá louco, pra que que eu vou querer uma foto com o senhor? O jovem que está atrás da câmera se posiciona para tirar a imagem. No entanto, antes de Robson apertar o botão, um interno passa em frente à lente da máquina fotográfica. Trata-se de um faxina do esporte. O faxineiro volta-se para os adolescentes que acompanham a sessão fotográfica e diz: bate uma foto desse funça aqui [se referindo ao mesmo agente de segurança] que eu vou pegar ele quando eu sair daqui. O funcionário, ao ouvir tal ameaça, caminha em minha direção e, em baixo tom de voz, responde: isso se eu não pegar ele antes (Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares).	125 - 126
		Relato extraído do diário de campo do	Saí do pátio e fui conversar com Carlos, coordenador pedagógico da Unidade de Internação 38. O objetivo era questioná-lo sobre a possibilidade de montar uma biblioteca com os adolescentes da unidade, espaço em que os jovens poderiam grafitar as paredes, colar imagens fotográficas, etc. Ao propor tal atividade, que seria concluída em alguns meses, o coordenador colocou alguns empecilhos, entre os quais, a inexistência de uma sala para tal fim. Disse que existiam três salas livres dentro do pátio, mas que estavam sob controle das lideranças. Segundo ele e Lia, que também é funcionária do setor pedagógico, uma sala é usada para os adolescentes assistirem televisão, uma outra é utilizada pelos bóias e há uma terceira utilizada pelos esportes. Destaco que bóias e esportes são termos que se referem aos faxinas da unidade. Quando o coordenador mencionou a terceira sala, sorriu e disse: é ali que acontecem as reuniões do comando. A partir daí, começamos a conversar sobre a liderança dos jovens e percebi que a todo o instante o coordenador se	

13	práticas de negociação	pesquisador sobre a "importação dos disciplinas para os diretores das distintas unidades dominadas"	esquivava, principalmente quando perguntei se ele sabia quem eram os líderes da unidade. Carlos sorriu e desconversou. Continuamos falando sobre a sala e percebi que a todo o momento a conversa girava em torno dos disciplinas. Lia soltou: tudo bem, mas quem me garante que esse espaço não será apropriado pela meia dúzia de sempre [se referindo às lideranças]? Continuamos a conversa e acabei perguntando para o coordenador o que ele achava da liderança exercida pelos adolescentes. Para a minha surpresa, ouvi o seguinte: se não fosse eles, a coisa não funcionava. Para complementar tal afirmação, o coordenador forneceu-me um exemplo ilustrativo. Carlos enfatizou que certa vez iria ocorrer uma visita de uma supervisora do ensino formal e que ninguém estava frequentando a escola, o que constituía um problema sério para a direção da unidade. Foi então que a diretoria da UI- 38 chamou alguns internos para conversar [os pilotos] e no dia seguinte o problema estava totalmente resolvido, ou seja, todos os adolescentes haviam retornado à escola. Carlos, apesar de não mencionar a contrapartida oferecida aos adolescentes, ainda concluiu: aqui funciona na base da moeda de troca.	128 - 129
14	práticas coercitivas	Tulio relata a sua transferencia da delegacia para a Unidade de Atendimento Inicial da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor,	Ah, na UAI eu já cheguei apanhando. Na UAI, eu cheguei lá...eu tinha tentado abrir a algema dentro da viatura e não consegui, o clipe quebrou lá dentro. Na hora que chegou lá os cara queria engolir eu vivo porque eles não conseguiam abrir a algema. Apanhei até umas hora, apanhei pra caramba e eles tentando abrir a algema e não conseguiam. Aí, foi um cara da UAI lá, um funcionário da UAI mesmo, um dos mais opressores que tinha lá, chegou e falou pros policia: se vocês continuarem batendo nesse moleque do jeito que vocês estão batendo, ele não vai entrar aqui. Pode voltar com ele de onde ele veio. Daí, foi onde que os policia resolveram parar de me bater. Conseguiram desalgemar, chamaram um cara lá, um perito pra desalgemar. Colocaram eu pra dentro da UAI, tudo, daí tive que passar na enfermaria. A mulher pediu pra eu tirar a roupa, tive que tirar toda a roupa pra ela, puta vergonha! Ela pegou e falou assim: nossa, fizeram tudo isso com você? Nossa, acabaram com você. Mas, o que você fez pra eles? Eu falei: não fiz nada, eu sou inocente senhora [risos].	161
15	práticas coercitivas	Relato de Tulio sobre agressões sofridas na Unidade de Atendimento Inicial da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor,	Apanhei no dia do meu aniversário, no dia do meu aniversário cara! E por causa de água. Só porque eu pedi água pro cara [agente de segurança]. Eu falei pro cara: oh, não tomo esse suco aqui não. Porque o suco era horrível, o feijão tava estragado, tudo era horrível cara. Aí eu falei: oh, deixa eu tomar um pouco de água no banheiro? Aí o funça perguntou pra mim de onde que eu era. Eu falei: eu sou de Taubaté. Daí ele falou: Taubaté só tem cara folgado. Aí eu falei: você já foi lá pra ver? Aí o cara destruiu comigo né. Me moeu na porrada.	162

16	práticas de negociação	Tulio fala das mudanças na organização/atuação dos disciplinas após as mudanças que ocorreram em franco da rocha em meados de 2008, segundo o autor "aos poucos os funcionários intensificaram suas ações, tendo como objetivo central a retomada d etais espaços institucionais"	Ah, já não tava tudo na nossa mão porque não tinha mais como ter as coisas que tinha no passado. Tipo...a galeria [onde ficavam os quartos] já não era mais nossa [não ficava aberta no período noturno], a gente já não podia mais subir no telhado pra se comunicar com os caras da outra cadeia, a faxina também já não era tão revoltada com a vida, tá ligado? Antes, nós falava: é tudo nosso e acabou. Naquela época [nos primeiros meses da medida socioeducativa] não tinha tanta criança. Era uma batidona forte mesmo. Depois, começou a ir uns caras que não era tão estruturado igual os mano de antigamente.	187
17	práticas de negociação	Chegada de Tulio na unidade onde ficaria internado (UI29)	Ah, em Franco da Rocha, quando eu cheguei ali muitos [funcionários] já estavam sabendo que ia chegar alguém...o que eles chamavam de PGG [Primário, Grave, Gravíssimo]. Eu cheguei lá, eles já olharam na minha lista e falaram: você é de boa, como que você é? Tipo a diretora que falou comigo primeiro né...o Néelson [coordenador da área de segurança] chamou eu pra conversar também. Ele falou: então, aqui nós somos da segurança. Pedimos pra você não causar [tumultuar] na unidade. Tira a sua [cadeia] de boa, tranquilo, que isso vai pro seu relatório. Ele explicou pra mim como que funcionava. Daí, ele viu como eu era tranquilo e falou: você é uma pessoa tão tranquila, não aparenta ser PGG igual tá na sua pasta. Eu falei: ah, não tenho culpa que eles me condenou. Eu até falei pra ele: eu queria ser transferido pra São José dos Campos. Daí ele falou: eu vou levar você até a técnica [assistente social que acompanharia o caso de Túlio]. Você vai conhecer a técnica e é ela que tem que resolver isso pra você. Daí, eu fui. Meu primeiro atendimento foi com a Norma. A Norma até tentou me transferir. Teve uma vez que ela ligou lá e me colocou pra escutar. Aí, os caras [da unidade de São José dos Campos] falou: nós não aceitamos uma pessoa desse nível aqui.	163 - 164

5.1.5 5º tema: Relações dos internos com integrantes do comando			
Relato	Contextualização	Fala	Página
1	Na Unidade de Internação 29, na sexta feira da semana onde vários ataques do PCC e rebelioes tem ocorrido, os internos (faxinas, encarregados e pilotos) se reúnem, segundo o autor "É preciso decidir rapidamente o que deve ser feito, afinal, os jovens da população" aguardam as orientações desses internos	Desceu uma ordem daqui do São Camilo, a maior favela de Jundiaí. Veio a ordem, chegou de manhã, os funcionários já tava tudo...o negócio tava pegando em tudo quanto é cadeia e os funcionários tava cabreiro, tanto que só ficava dois no pátio e as mulher tudo pra fora. Aí eu cheguei num funcionário e falei: ó, é o seguinte senhor, não vai sair da cadeia, certo? O senhor vai ficar aqui dentro, não é pra deixar as funcionária entrar. Bom, a ordem que desceu era pra estourar e ir embora. A base era estourar, se der pra ir pro mundão, é mundão. Se não der, bate de frente com os caras [os funcionários], mas representa. A ordem era representar. Falamos pra população: o bagulho vai pegar. Deu umas 10 horas da manhã, nós falou: é agora	94
3	faxina da UI-38, complexo Raposo Tavares falando sobre aspectos da relação dos internos com pessoas externas a instituição	Nóis é a sintonia dos caras. Eu sou sintonia dos caras. Corro com os caras [do Comando, isto é, sigo as suas orientações], mas tô do lado de fora, de fora [não sou batizado; não sou irmão], mas seguindo a doutrina de dentro (faxina da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares).	176
4	faxina da UI-38, complexo Raposo Tavares falando sobre aspectos da relação dos internos com pessoas externas a instituição	O salve geral é uma comunicação do Comando. É pra quem tá dentro [das cadeias] e pra quem tá fora. É pra quem segue a doutrina, tá ligado? Quando revoluciona alguma caminhada, por exemplo, em 2006 teve os atentados ["ataques do PCC"]. Em 2007, final de 2006, veio o salve geral da paz, a bandeira branca, que ainda tá de pé. A paz, a bandeira branca, o salve da paz, foi comunicado a todo mundo	176

5.1.6 6º tema: A vida após-internação			
Relato	Contextualização	Fala	Página
1	Pedro falando de como se sentia após deixar a unidade de privação de liberdade	Aqui fora eu era só mais um, lá dentro eu tocava [conduzia] uma cadeia. Você sai aqui no mundão e parece que você sai inútil, não tem aquela ação, você não vive aquela adrenalina, dá vontade de voltar	97
2	Pedro falando de como foi a relação com seu pai após sua saída da FEBEM	Aí, meu pai tava desandado na cachaça. Um dos motivos dele que eu entendo foi por causa da perda da mãe dele. Minha vó morreu de câncer e depois disso daí ele desandou. Depois disso daí, ele começou a beber e nós começou a bater de frente. Ele joga na minha cara a minha detenção, entendeu? Daí, uma vez a gente meio que se estranhou lá e saímos na mão e eu quebrei as duas pernas dele. E eu ia pegar ele mesmo, eu coloquei a arma na cara dele. Daí ele me expulsou de casa. Aí eu vendi o meu celular, tinha comprado o celular por R\$ 700, vendi por R\$ 50 só pra mim vim embora [o garoto retorna para a casa de sua mãe]. Aí, depois de uns oito meses sem nós se falar eu liguei lá, descobri que ele tava doente, tava com efizema porque ele fuma muito. Liguei lá e nós conversou. A gente mantém um relacionamento, mas não que nem era antigamente. Se eu pudesse voltar atrás, eu jamais faria isso com o meu pai	99
3	Pedro relatando um pouco sobre como foi viver fora da FEBEM	Depois que eu saí [da FEBEM], eu desandei em bebida, de usar drogas. Foi o período mais longo que eu usei drogas. Foi esse tempo. Coisa de dois meses. Abandonei um serviço de um ano e meio. Fui lá e pedi as contas. Eu tava num stress danado, aí eu falei: não, vou embora senão vou fazer besteira. E eu fui embora.	99

6 ANEXO

6.1 Reportagens selecionadas sobre as atuais condições em unidades socioeducativas de privação de liberdade e seus modos de funcionamento, publicadas em 2014 ou 2015

6.1.1 REPORTAGEM: Funcionários em greve da Fundação Casa terão reunião de conciliação

Tribunal Regial do Trabalho convocou audiência para segunda-feira (11).Mais de 7 unidades do estado de São Paulo entraram em greve na quinta.

08/05/2015 17h05 - Atualizado em 08/05/2015 17h05

Do G1 São Paulo

O Tribunal Regional do Trabalho convocou para segunda-feira (11), às 9h, uma audiência de conciliação entre a Fundação Casa e funcionários de diversas unidades do Estado de São Paulo que entraram em greve na quinta-feira (7). Entre as principais reivindicações da categoria estão um reajuste salarial de 28,16% e melhores condições de trabalho.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Entidades de Assistência e Educação à Criança, ao Adolescente e à Família do Estado de São Paulo (Sitraemfa), há paralisações nas unidades do Brás, Vila Maria, Guarulhos, Raposo Tavares, São Carlos, Santos, Guarujá, entre outras.

O Sitraemfa pediu, nesta sexta-feira, o cancelamento da liminar que obriga que 70% do efetivo de funcionários continue trabalhando. A decisão, obtida na Justiça na terça-feira(5), prevê uma multa diária de R\$ 100 mil em caso de descumprimento. Segundo o TRT, a liminar segue vigente.

Greve

Segundo o Sitraemfa, o pedido de reajuste contempla perdas salariais e aumento real e a greve foi definida porque não houve acordo. "A proposta foi encaminhada em fevereiro e a data-base é em março. Estamos há dois meses tentando uma negociação. A greve é a arma final", disse Aline Salvador, diretora do sindicato.

Enquanto os funcionários estiverem em greve, apenas serviços básicos, como a alimentação dos adolescentes, devem ser mantidos, de acordo com o sindicato.

A assessoria de imprensa da Fundação Casa informou em nota que o governo estadual sempre esteve aberto a negociações e que as reivindicações estão sendo analisadas. Informou ainda que, entre 2005 e 2014, os aumentos dados pela instituição chegaram a 86,24% (IPC-Fipe), enquanto a inflação no período oscilou em torno de 68,46%, dependendo do índice utilizado.

- Acessado em 04/06/2015 as 15:12 em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/funcionarios-em-greve-da-fundacao-casa-terao-reuniao-de-conciliacao.html>

6.1.2 REPORTAGEM: Em carta, adolescente narra rotina de torturas na Fundação Casa

21 de Abril de 2015

Por Igor Carvalho

CartaCapital

Um interno da Fundação Casa, da unidade Centro Novo Horizonte, em Guaianazes, zona leste de São Paulo, conseguiu entregar à sua família uma carta, denunciando uma rotina de violência dentro da instituição. O adolescente estaria, de acordo com o documento, sendo alvo de tortura. *“Eles pisaram na minha cabeça na minha perna e deram vários socos na minha cabeça e nas minhas costas”*, afirma.

A violência, que não é novidade dentro da Fundação Casa, é estendida a outros jovens. O jovem que escreveu a carta afirma que outros 14 internos são torturados. Na denúncia, ele coloca o nome de todos, mas ocultaremos nesta reportagem. Os nomes dos agressores também são revelados (ver abaixo).

No texto, o adolescente questiona a instituição em sua função primeira, a recuperação dos internos. *“Sou consciente de tudo que fiz mas acho que um tempo na fundação casa serve para mim repensar nas minhas atitudes e reconstruir a minha vida mais num ambiente como esse que nós somos humilhados e agredidos é muito difícil de conviver”*, relata.

No final, ele afirma que denunciou as agressões, mas não houve retorno algum. *“Já fizemos diversos boletins de ocorrências na delegacia mais não resolveu a única coisa que eu ganhei foi um sorriso de um funcionário falando que não vai acontecer nada com ele e a agressão predominou neste local.”*

Confira na íntegra a carta:

“Ne um começo de tumulto em estava elvolvido. Não coloquei a mão em ninguém após isso os funcionários colocaram a mão em diversos adolescentes, um desses adolescentes foi a minha pessoa eles pisaram na minha cabeça na minha perna e deram vários socos na minha cabeça e nas minhas costas, Isso não aconteceu esse dia já virou rotina nesse centro agressão fisicamente sei que para mim estar aqui não estava

seguindo totalmente o meu direto de cidadão sou consciente de tudo que fiz mas acho que um tempo na fundação casa serve para mim repensar nas minhas atitudes e reconstruir a minha vida mais ne um ambiente como esse que nós somos humilhados e agredidos é muito difícil de conviver já fizemos diversos boletins de ocorrências na delegacia mais não resolveu a única coisa que eu ganhei foi um sorriso de um funcionário falando que não vai acontecer nada com ele e a agressão predominou neste local.”

Funcionários:

Seu Rocha

Seu Jorge

Seu Marcio

Seu Nilto

Seu glauber

Seu Ricardo

Seu Paulo rogério

Seu Paulo

- Acessado em 04/06/2015 as 15:06 em:
<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2015/04/21/em-carta-adolescente-narra-rotina-de-torturas-na-fundacao-casa/>

6.1.3 REPORTAGEM: Jovem internado no Degase é morto na Ilha do Governador, no Rio

Segundo órgão, outros dois adolescentes teriam assassinado rapaz. Caso aconteceu na madrugada desta quarta-feira (26).

26/03/2014 14h11 - Atualizado em 26/03/2014 14h11

Do G1 Rio

Um jovem foi morto em um dos alojamentos do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase) durante a madrugada desta quarta-feira (26). Segundo o órgão, vinculado à Secretaria de Estado de Educação, outros dois adolescentes internados cometeram o crime, que aconteceu na unidade de internação provisória do Centro de Socioeducação Dom Bosco, na Ilha do Governador. Ainda como informou o Degase, o caso foi registrado na 37ª DP (Ilha do Governador). Às 13h, as investigações estavam em andamento na Delegacia de Homicídios (DH) da Polícia Civil.

O Degase tem a responsabilidade de promover socioeducação no estado do Rio de Janeiro, tendo como objetivo “favorecer a formação de pessoas autônomas, cidadãos solidários e profissionais competentes, possibilitando a construção de projetos de vida e a convivência familiar e comunitária”.

- Acessado em 04/06/2015 as 15:26 em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/jovem-internado-no-degase-e-morto-na-ilha-do-governador-no-rio.html>

6.1.4 REPORTAGEM: Funcionários em greve da Fundação Casa terão reunião de conciliação

Tribunal Regial do Trabalho convocou audiência para segunda-feira (11). Mais de 7 unidades do estado de São Paulo entraram em greve na quinta.

08/05/2015 17h05 - Atualizado em 08/05/2015 17h05

Do G1 São Paulo

O Tribunal Regional do Trabalho convocou para segunda-feira (11), às 9h, uma audiência de conciliação entre a Fundação Casa e funcionários de diversas unidades do Estado de São Paulo que entraram em greve na quinta-feira (7). Entre as principais reivindicações da categoria estão um reajuste salarial de 28,16% e melhores condições de trabalho.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Entidades de Assistência e Educação à Criança, ao Adolescente e à Família do Estado de São Paulo (Sitraemfa), há paralisações nas unidades do Brás, Vila Maria, Guarulhos, Raposo Tavares, São Carlos, Santos, Guarujá, entre outras.

O Sitraemfa pediu, nesta sexta-feira, o cancelamento da liminar que obriga que 70% do efetivo de funcionários continue trabalhando. A decisão, obtida na Justiça na terça-feira(5), prevê uma multa diária de R\$ 100 mil em caso de descumprimento. Segundo o TRT, a liminar segue vigente.

Greve

Segundo o Sitraemfa, o pedido de reajuste contempla perdas salariais e aumento real e a greve foi definida porque não houve acordo. "A proposta foi encaminhada em fevereiro e a data-base é em março. Estamos há dois meses tentando uma negociação. A greve é a arma final", disse Aline Salvador, diretora do sindicato.

Enquanto os funcionários estiverem em greve, apenas serviços básicos, como a alimentação dos adolescentes, devem ser mantidos, de acordo com o sindicato.

A assessoria de imprensa da Fundação Casa informou em nota que o governo estadual sempre esteve aberto a negociações e que as reivindicações estão sendo analisadas. Informou ainda que, entre 2005 e 2014, os aumentos dados pela instituição chegaram a

86,24% (IPC-Fipe), enquanto a inflação no período oscilou em torno de 68,46%, dependendo do índice utilizado.

- Acessado em 04/06/2015 as 15:30 em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/funcionarios-em-greve-da-fundacao-casa-terao-reuniao-de-conciliacao.html>

6.1.5 REPORTAGEM: Internos da Fundação Casa fazem reféns e deixam agentes feridos em rebelião

De acordo com a assessoria de imprensa da instituição, Unidade Vila Leopoldina tem apenas réus primários

14/05/2015 14:54 - Atualizada às 14/05/2015 16:33

Por **iG São Paulo**

Uma unidade voltada apenas para réus primários – sem passagens anteriores pela polícia – da Fundação Casa foi marcada por uma violenta, porém curta, rebelião, no início da tarde desta quinta-feira (14).

A assessoria da instituição confirmou que o tumulto foi encerrado após cerca de duas horas de seu início, perto das 15h. Ao longo do motim, 14 funcionários foram feitos reféns, sendo que quatro deles ficaram levemente feridos.

A revolta dos menores infratores começou por volta das 13h, na Unidade da Vila Leopoldina da fundação. Internos atearam fogo em colchões, formando uma grande nuvem de fumaça preta em direção à Marginal Pinheiros, onde fica a unidade. Cinco viaturas do Corpo de Bombeiros foram mobilizadas para controlar as chamas. Móveis também foram destruídos no motim.

- Acessado em 04/06/2015 as 15:34 em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2015-05-14/internos-da-fundacao-casa-fazem-refens-e-deixam-agentes-feridos-em-rebeliao.html>

6.1.6 REPORTAGEM: Fundação Casa admite não ter verba para novos equipamentos

Por Agência Estadão – 22/05/2015

Jornal da Manhã

Após reconhecer que há um déficit de vagas em suas unidades da capital e do interior, a Fundação Casa agora alega não ter recursos para construir novos equipamentos. A afirmação foi feita na quinta-feira, 21, em audiência de conciliação fechada entre o Ministério Público Estadual (MPE) e a fundação. O encontro terminou sem acordo e uma nova rodada será marcada.

No ano passado, o MPE moveu uma ação pedindo a criação de novas unidades. Segundo levantamento do MPE, a defasagem de vagas é de cerca de 1.468 em todo o Estado – 560 na capital e 908 no interior e no litoral paulista. A unidades da Fundação Casa têm cerca de 8 mil vagas.

A declaração foi feita no momento em que o governo Geraldo Alckmin (PSDB) defende a ampliação do prazo máximo de internação dos adolescentes que cometeram infrações graves para oito anos – hoje, o máximo é de três anos. “Eles não quiseram sequer formalizar a expansão que afirmaram que vão fazer”, disse o promotor Tiago de Toledo Rodrigues, da promotoria da Infância e Juventude. Segundo o promotor, a Fundação alegou que o déficit atual é de 1.100 vagas.

Segundo Rodrigues, desde o ano passado, quando o levantamento foi feito, o déficit já aumentou e, até maio, deve chegar a 1.600 vagas.

O levantamento do MPE aponta que a superlotação atinge 79 das 80 unidades da Fundação Casa no interior. Na capital, são 106 dos 116 estabelecimentos. A ação, que ainda será julgada, pede que o atendimento aos adolescentes deverá ser feito no máximo em seis meses.

Em nota, a Fundação Casa afirmou que está operando “dentro do limite permitido pelo Conselho da Magistratura do Tribunal de Justiça de São Paulo, com confirmação por meio de liminar no STF”. Não confirmou, no entanto, se acatará os pedidos do MPE. A próxima audiência de conciliação será no dia 20 de junho.

Acessado em 04/06/2015 as 15:44 em: <http://arede.info/jornaldamanha/editorias/ultimas-noticias/fundao-casa-admite-no-ter-verba-para-novos-equipamentos/>

REFERÊNCIA

BARROS, Romariz da Silva. Uma introdução ao comportamento verbal. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17/05/2015.

BISSOLI, Enzo Banti. **O ser humano capaz de dar direção a sua vida: um estudo sobre a obra de B. F. Skinner na década de 1970**, São Paulo. 2013. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

BOGO, Anne Carolynne; LAURENTI, Carolina. Análise do Comportamento e Sociedade: Implicações para uma Ciência dos Valores. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 32, n. 4, p. 956-971, 2012.

CASTRO, Ana Luiza de Souza; GUARESHI, Pedrinho. Da privação da dignidade social à provação da liberdade individual. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 200-207, 2008.

CATANIA, A. Charles. As consequências do responder: Controle aversivo. In: CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição**. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999, p. 108 –128.

CENTRO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE. **A supervisão na Fundação CASA**. São Paulo, 2010. Disponível em: www.fundacaocasa.sp.gov.br/pdf/Supervisao.pdf. Acesso em 21-04-2015.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Um Olhar Mais Atento às Unidades de Internação e de Semiliberdade para Adolescentes**. Relatórios da resolução nº67\2011, 2013. Disponível em: <http://www.cnmp.gov.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Relatorio_Internacao.PDF> Acesso em 05-06-2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Um retrato das unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei**. 2º Edição, Relatório de visitas, p. 126, 2006. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/08/relatoriocaravanas.pdf>> Acesso em 05-06-2015.

COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da; SANTOS, Maíra Mendes dos; FRANCO, Kelly Silva Franco; BRITO, Afonso de Oliveira. Música e Transformação no Contexto da Medida Socioeducativa de Internação. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31, n. 4, p. 840-855, 2011.

CRUZ, LÍlian; HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza de Fátima. Infância e políticas públicas: um olhar sobre as práticas psi. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 42-49, 2005.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

DITTRICH, Alexandre; ABIB, José Antônio Damásio. O sistema ético Skinneriano e consequências para a prática dos analistas do comportamento. **Psicologia: Reflexão e crítica**. v. 17, n. 3, p. 427-433, 2004.

DITTRICH, Alexandre. A ética como elemento explicativo do comportamento no Behaviorismo Radical. In: BRANDÃO, Maria Zilah da Silva; CONTE, Fátima Cristina de Souza; BRANDÃO, Fernanda Silva; INGHERMAN, Yara Xuperstein; DA SILVA, Vera Lucia Menezes; OLIANI, Simone Martin. **Sobre Comportamento e cognição: Contingências e metacontingências Contextos sócios-verbais e o comportamento do terapeuta**. v. 13, Santo André: ESETEec editores associados, 2004, p. 21-26.

GLENN, Sigrid S. Maladaptive functional relations in cliente verbal behavior. **The Behavior Analyst**. v.6, n.1, p. 47-56, 1983.

HOLLAND, J. G. Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 11, n. 1, p. 163-174, 1978.

LOPES SANTOS, L. Criminologia crítica: uma tentativa de intervenção (re) legitimadora no sistema penal. **Biblioteca Digital Jurídica do Superior Tribunal de Justiça**. 2002. Disponível em: <https://aplicacao.mpmg.mp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/332/criminologia%20critica_Lopes.pdf?sequence=1> Acesso em 05-06-2015.

LORENZI, Gisella Werneck. **Uma Breve História dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil**. 2007. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil-14251>> Acesso em 21-04-2015.

MALVASI, Paulo Artur. Suspeito empreendedor de si: trajeto e sofrimento de um adolescente durante intervenção socioeducativa. **Etnográfica**. v. 15, n. 3, p.501-521, 2011.

MATOS, Maria Amélia. As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner. In: **REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO**, XXI., 1991, Ribeirão Preto, p. 333-341.

MATSUMOTO Adriana Eiko. **Sentidos e significados sobre educação no sistema prisional: o olhar de um preso-aluno**. São Paulo. 2005. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

MEDEIROS, Carlos Augusto de (2002). Comportamento verbal na terapia analítico comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 4, n2, p. 105-118, 2002.

MICHELETTO, Nilza. **Uma questão de consequências: A elaboração da proposta metodológica de Skinner**. São Paulo. 1995. (Tese – Doutorado - Universidade de São Paulo)

MOREIRA, Fábio Mallart. **Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**. São Paulo. 2011. (Dissertação - Mestrado - Universidade de São Paulo).

MOREIRA, Fábio Mallart. **Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**. São Paulo: Terceiro nome. 2014.

OTERO, Martina Rillo. **O compromisso do analista do comportamento com as questões sociais: uma análise a partir de publicações**. São Paulo. 2002. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

PAES, Janiere Portela Leite. **O Código de Menores e o Estatuto da Criança e do Adolescente: avanços e retrocessos**. 2013. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-c%C3%B3digo-de-menores-e-o-estatuto-da-crian%C3%A7a-e-do-adolescente-avan%C3%A7os-e-retrocessos>> Acesso em: 21-04-2015.

PASSETTI, Edson. Menores: os prisioneiros do humanismo. **Lua Nova**. São Paulo. v. 3, n. 2, 1986.

PASSOS, Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca. A análise funcional do comportamento verbal em Verbal (1957) de B. F. Skinner. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 2, p. 195-213, 2003.

ROSÁRIO, Ângela Buciano do. **Ato infracional e reconhecimento:**

vicissitudes do adolescente no contato com o outro. Belo Horizonte. 2008. (Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais).

ROSÁRIO, Ângela Buciano do. Grupo com adolescentes em privação de liberdade: circulação da palavra como possibilidade de ressignificação do ato infracional. **Sociedade de psicoterapias analíticas grupais do Estado de São Paulo**, v. 11, n. 1, p. 66-76, 2010.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações.** Editora Livro Pleno. 2009.

SKINNER, FREDERIC. B. **Walden Two: uma sociedade do futuro.** Edição 2. São Paulo: Epu. 1948.

SKINNER, FREDERIC, B. **Para além da liberdade e dignidade.** Portugal: Edições 70, 1971.

SKINNER, FREDERIC. B. O comportamento verbal. In: SKINNER, FREDERIC. B. **Sobre o behaviorismo.** Edição 10. São Paulo. Cultrix, p. 79–90, 1974.

SKINNER, FREDERIC. B. **Ciência e comportamento humano.** Edição 11. São Paulo. Martins Fontes, 1979.

SKINNER, FREDERIC. B. Seleção por consequências. **Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 9, n. 1, p. 129–137, 2007.

SOUZA, Michele Morgana da Silva Souza; SANTOS, Jaileila de Araújo Menezes. O Processo de desvinculação de um adolescente com a prática infracional, a partir do cumprimento de medidas socioeducativa privativa de liberdade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei. v. 5, n. 2, 2010.

SPINELLI, Kelly Cristina. Febem na contramão do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Revista Adusp**. n. 38, p.20-28. setembro. 2006. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/38/r38a03.pdf>> Acesso em 17-05-2015.